

IV Seminário da CCO

Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações

Livro de Resumos e Programação



UFF - Universidade Federal Fluminense

Niterói, 29 a 31 de maio de 2023

SUMÁRIO

	Página
<i>Comissão Organizadora</i>	4
<i>Apresentação</i>	4
<i>Programação geral</i>	5
<i>Lista de sessões de comunicações coordenadas</i>	7
Resumos da sessão 1 de comunicações coordenadas	9
Resumos da sessão 2 de comunicações coordenadas	12
Resumos da sessão 3 de comunicações coordenadas	16
Resumos da sessão 4 de comunicações coordenadas	20
Resumos da sessão 5 de comunicações coordenadas	23
Resumos da sessão 6 de comunicações coordenadas	27
Resumos da sessão 7 de comunicações coordenadas	30
Resumos da sessão 8 de comunicações coordenadas	33
<i>Lista de pôsteres</i>	36
Resumo dos pôsteres	37

**COMISSÃO ORGANIZADORA*****Coordenação***

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário - UFF/CNPq/Faperj (líder)

Profa. Dr^a Milena Torres de Aguiar – UERJ/FFP (vice-líder)

Profa. Dr^a Amanda Heiderich Marchon – UFES

Prof^a Dr^a Ana Cláudia Machado dos Santos – UFF

Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes – UFF

Demais integrantes

Ana Beatriz Arena

Anna Carolina Ribeiro de Almeida

Brenda da Silva Souza da Costa

Bruno Araujo de Oliveira

Fabiana Felix Duarte Moreira

Gabriela Alves Conceição

Gabriela Gonsalves Santos

Gabriela Valverde Felicíssimo

José Walbérico da Silva Costa

Júlia dos Reis Rodrigues Benevides

Larissa Nacif Barbosa

Marcello Martins Machado

Milena Silva dos Santos

Rodrigo dos Santos Gomes

Silvana Francisco Guedes Camilo Costa

Vitor Luiz Elias Pessôa

Vitória Ribeiro Nascimento

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação e alegria que o Grupo de Pesquisa *Conectivos e Conexão de Orações (CCO)*, com sede na Universidade Federal Fluminense, promove o seu quarto seminário.

Fundado em 15 de setembro de 2015 e certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o CCO apresenta-se no cenário acadêmico brasileiro como um locus privilegiado para a investigação de um ponto específico da morfossintaxe do português: o papel e o uso dos conectivos, bem como os diferentes processos de conexão de orações, tanto canônicos quanto não canônicos.

O CCO é marcado fortemente pela tradição funcionalista, filiando-se mais modernamente à perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Entretanto, em todas as edições de nosso seminário, optamos por uma proposta de interlocução com outras vertentes teórico-metodológicas.

Para nossa alegria, o IV Seminário do CCO congrega renomados pesquisadores de diversas regiões do Brasil. Esse fato revela o forte interesse pelo tema dos conectivos e da conexão de orações, que finalmente encontrou seu espaço e pretende fixar-se cada vez mais no cenário acadêmico nacional.

Neste livro, é possível encontrar a programação do evento, bem como os resumos de todos os trabalhos submetidos à análise da comissão organizadora. Que todos tenhamos um evento produtivo e profícuo!

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário (UFF/CNPq/Faperj)
Líder do Grupo de Pesquisa CCO - Conectivos e Conexão de Orações

PROGRAMAÇÃO GERAL

Dia 29/05 – 2ª feira

15h - Conferência Internacional *on-line* (em língua espanhola)

El dinamismo del discurso: conectores, operadores y construcciones
(Prof^a Catalina Fuentes Rodríguez - Universidad de Sevilla)

Mediador: Prof. Monclar Lopes (UFF)

Link: https://bit.ly/catalina_cco

Dia 30/05 – 3ª feira

8h – Chegada dos participantes e entrega de material – Sala 405B

9h – Mesa de abertura do evento – Sala 405B

9h30min – Conferência de abertura – Sala 405B

Modos de conexão textuais e intertextuais no contexto de produção e recepção de textos que desinformam
(Prof^a Anna Christina Bentes - UNICAMP)

Mediador: Prof. Ivo Rosário (UFF)

10h30 – Intervalo com café

11h – Mesa Redonda 1 - Mecanismos de junção em língua portuguesa – Sala 405B

Mecanismos de junção na escrita infantil
(Prof^a Lúcia Regiane Lopes-Damasio - UNESP Assis/PPGEL UNESP - SJRP)

Conexão de orações no português em uso: as contrastivas não prototípicas
(Prof^a Nilza Barrozo Dias - UFF)

Mediadora: Prof^a Ana Cláudia Machado dos Santos (UFF)

12h30min – Almoço

14h30min – Minicurso - Parte 1

Minicurso 1 - Fake news no contexto político brasileiro: os desafios para as teorias do texto
(Prof^a Anna Christina Bentes - UNICAMP) – Sala 501C

Minicurso 2 - Mecanismos de junção, aquisição da escrita e tradição discursiva: um espaço de observação
(Prof^a Lúcia Regiane Lopes-Damasio - UNESP Assis/PPGEL UNESP - SJRP) – Sala 505C

16h30min – Café

17h – Sessão de comunicações

Dia 31/05 – 4ª feira

9h – Mesa Redonda 2 - Insubordinação e conexão de orações – Sala 405B

***“Uso(s) de cláusulas insubordinadas no Português Arcaico”
(Profª Violeta Virginia Rodrigues - UFRJ)***

***“A (semi)insubordinação como um processo discursivo-interacional: completivas e condicionais em análise”
(Profª Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale - UFSCar)***

Mediadora: Profª Amanda Marchon (UFES)

10h30min - Intervalo com café

11h – Sessão de comunicações

12h30min – Almoço

14h30min – Minicurso - Parte 2

***Minicurso 1 - Fake news no contexto político brasileiro: os desafios para as teorias do texto
(Profª Anna Christina Bentes - UNICAMP) – Sala 501C***

***Minicurso 2 - Mecanismos de junção, aquisição da escrita e tradição discursiva: um espaço de observação
(Profª Lúcia Regiane Lopes-Damasio - UNESP Assis/PPGEL UNESP - SJRP) – Sala 505C***

16h30 – Café com pôster – Hall do 2º andar do Bloco B

17h30 - Lançamento de livros, sorteio de livros e encerramento – Sala 405B
Apresentadora: Profª Milena Aguiar (UERJ-FFP)



LISTA DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

Comunicações Coordenadas	30/05 - 17h às 18h30min
1. Coordenação: Dennis Castanheira – UFF (Sala 212C)	<p>1. Onde inserir os sinais de pontuação? (Lou-Ann Kleppa – UNIR)</p> <p>2. Práticas de escrita no PEJA: o papel das tradições discursivas orais à luz da teoria da heterogeneidade constitutiva. (Giovanna Coelho de Oliveira - UNESP/ IBILCE)</p> <p>3. O suspeito desaparecimento da vírgula em orações subordinadas deslocadas introduzidas por “quando”: um estudo sobre iconicidade e espaços mentais em textos de mistério. (Tiago Aguiar – UFPB; Anabelle Souza Azevedo – UFPB)</p>
2. Monclar Guimarães Lopes – UFF (Sala 218C)	<p>1. Anteposição e posposição das orações finais instanciadas pelo subesquema [<i>prep [det] N de</i>]conect (Brenda da Silva Souza da Costa – UFF)</p> <p>2. Uma análise centrada no uso do conector [<i>atrás de</i>] (Marcello Martins Machado - UFF)</p> <p>3. O conector tendo <i>em vista (que)</i> pela perspectiva da LFCU (Camilla Canella Moraes Luzorio – UFRJ; Deise Cristina de Moraes Pinto – UFRJ)</p>
3. Nilza Narrozo Dias – UFF (Sala 501C)	<p>1. O <i>slot</i> verbal nas construções condicionais insubordinadas com “se ao menos” a partir da análise colostrucional (Maria Júlia Bernardo Camarim – UFSCar; Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale – UFSCar)</p> <p>2. Cláusulas hipotáticas de gerúndio em artigos de opinião (Amanda Heiderich Marchon – UFES)</p> <p>3. Postura epistêmica, ponto de vista e intersubjetividade: uma abordagem cognitivista de condicionais concessivas e concessivas canônicas (Gabriela Silva Ribeiro – UFRJ; Lilian Vieira Ferrari - UFRJ)</p>
4. Marcos Luiz Wiederman – UERJ/FFP Sala 505C	<p>1. Conceptualizações metafóricas do sucesso em memes (Mayara de Araújo Mattos - UFF)</p> <p>2. O condicional evidencial reportativo em discursos políticos do português brasileiro: uma descrição cognitivista dos fenômenos de ponto de vista e perspectiva (Beatriz de Souza Mella - UFSCar; Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale – UFSCar)</p>

Comunicações Coordenadas	31/05 - 11h às 12h30min
5. Coordenação: Dennis Castanheira – UFF (Sala 212C)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Construcionalidade nas microconstruções aditivas de extensão: uma análise funcional centrada no uso (Milena Silva dos Santos – UFF) 2. As relações de sentido da conjunção aditiva “e” na crônicas brasileiras (Antonio Vianez da Costa – IFAM) 3. Possibilidades discursivas do <i>e</i> em manchetes do Meia Hora e do Extra em meio ao caos social da pandemia (Clayton Luiz da Silva Moreira – UFF)
6. Coordenação: Violeta Virgínia Rodrigues – UFRJ (Sala 218C)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Práticas de escrita na infância: uma abordagem linguístico-discursiva da junção em textos narrativos (Bruna de Paula Silva – UNESP) 2. Um olhar para a escrita infantil a partir das tradições discursivas narrativa e argumentativa: uma análise linguístico-discursiva da junção (Mateus Dias Santana – UNESP) 3. Gradiência construcional na rede [X de] conect (Ivo da Costa do Rosário – UFF)
7. Nilza Barrozo Dias – UFF (Sala 501C)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os usos sincrônicos da construção [prep exceção de x] na conexão de orações (Fabiana Felix Duarte Moreira – UFF) 2. Análise funcional dos usos de <i>perto de</i> em língua portuguesa (Vitor Luiz Elias Pessoa – UFF) 3. Conectivos condicionais complexos na lusofonia: os usos de <i>a menos que</i> e <i>a não ser que</i> em perspectiva funcional (Amanda de Lira Santos – UFF; Douglas Gonçalves de Souza – UNEAL)
8. Marcos Luiz Wiederman – FFP/UERJ (Sala 505C)	<ol style="list-style-type: none"> 1. O emprego de cláusulas subordinadas, hipotáticas, paratáticas e justapostas em propagandas: um diálogo entre pesquisa e ensino (Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann – CAP UERJ) 2. Uso do verbo ‘causar’ em conotações positivas: uma análise construcional (Juliana Behrends de Souza Cerqueira – UFF) 3. Padrões funcionais das microconstruções [portanto], [tanto que] e [e aí] no português contemporâneo: conectores da sintaxe ao discurso (Ana Beatriz Arena – FFP/UERJ; Ana Cláudia Machado – UFF; Milena Torres de Aguiar – FFP/UERJ)



SESSÃO 1 DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS
Coordenador: Dennis Castanheira - UFF
30/05 - 17h às 18h30min
Sala 212C

1. *Onde inserir os sinais de pontuação?*
2. *Práticas de escrita no PEJA: o papel das tradições discursivas orais à luz da teoria da heterogeneidade constitutiva*
3. *O suspeito desaparecimento da vírgula em orações subordinadas deslocadas introduzidas por “quando”: um estudo sobre iconicidade e espaços mentais em ontos de mistério*

ONDE INSERIR OS SINAIS DE PONTUAÇÃO?

Lou-Ann Kleppa
kleppa@unir.br
 Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Acreditamos que o debate acerca dos sinais de pontuação seja relevante para o ensino da escrita, porque a abordagem de estudos desenvolvidos na Linguística – mesmo que dispersos – é discrepante da abordagem dos textos normativos (gramáticas, guias, manuais e livros didáticos) aos quais alunos e professores recorrem. A Linguística ainda não conta com uma tradição em matéria de estudos sobre sinais de pontuação. Através das categorizações de Nunberg (1990), Dahlet (1995 a 2006), Crystal (2015) e Bredel (2020) acerca do sistema de sinais de pontuação discutimos suas funções e o papel do sujeito que pontua. Elegemos como empiria textos pontuados por alunos de graduação em Letras, matriculados no primeiro ano na Universidade Federal de Rondônia que participaram de um experimento em que a tarefa era pontuar um texto curto. Mesmo conhecendo o texto, os alunos o pontuaram de maneiras singulares: não só os sinais que incidem num mesmo lugar são vários, como os lugares em que incidem os sinais são vários. A multiplicidade de soluções pontuatórias oferecidas pelos participantes nos obriga a considerar que os sinais de pontuação não apenas marcam fronteiras de constituintes (satisfazendo regras da língua), mas atendem aos propósitos comunicacionais daqueles que pontuam seus textos (apontando para o sujeito que pontua e seu leitor). Essa multiplicidade de possibilidades observada indica que as unidades textuais não estão previamente delimitadas para os alunos e que há margem para escolha de sinais. Nesse trabalho, procuramos entender os sinais de pontuação como elementos que compõem um sistema em que há escolhas. Essas escolhas, no entanto, não são apenas sintaticamente motivadas: através do conceito de pontuabilidade de Bernardes (2002),

encontramos um sujeito que pontua para o outro. Pontuar um texto é contribuir para a sua textualidade de modo que forma e conteúdo estejam conjugados. Tanto a sentença como o texto podem ser entendidos como uma construção: é o leitor (tanto o autor como o leitor) que atribui sentido ao texto, interpretando-o. A gramática tradicional não considera o sujeito que pontua. O cálculo da gramática se limita às unidades da língua – que não são fatos, mas categorias metalinguísticas teoricamente criadas. Entendemos que a gramática tradicional toma os sinais de pontuação como índices de oralidade – sem que essa oralidade aponte para o sujeito, como postula Meschonnic, ou seja, como traço da subjetividade, seja na fala ou na escrita. Se entendemos os sinais de pontuação como símbolos linguísticos (ao invés de índices de pausa e melodia), concordamos que são fruto de representações arbitrárias e convencionalizadas ao longo dos séculos (são artefatos, tal como a escrita). Se encararmos os sinais de pontuação como metalinguísticos, percebemos que incidem em fronteiras de unidades que não estão dadas de antemão, mas precisam ser criadas/interpretadas pelo sujeito que pontua.

PRÁTICAS DE ESCRITA NO PEJA: O PAPEL DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS ORAIS À LUZ DA TEORIA DA HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA

Giovanna Coelho de Oliveira
giovanna.coelho-oliveira@unesp.br
Universidade Estadual Paulista - UNESP/ IBILCE

Esta proposta de comunicação oral é um desdobramento da Pesquisa de Mestrado (em andamento) intitulada “O papel das Tradições Discursivas orais na escrita inicial no contexto do PEJA”, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual Paulista (UNESP/ IBILCE). O objetivo desta exposição é discutir a maneira pela qual as Tradições Discursivas (TDs) orais (KABATEK, 2005) colocam-se na origem do processo em que o texto escrito torna-se significante para um sujeito, neste caso, o adulto, educando do PEJA/UNESP-ASSIS. Para tanto, propõe-se uma análise das narrativas escritas pelos educandos que considere os processos de produção desses textos, articulando o conceito de TD com as relações entre fala/oralidade e escrita/letramento. O quadro teórico-metodológico adotado, assentado na consideração conjunta de aspectos linguísticos e discursivos, pressupõe, por um lado, o atravessamento concomitante do sujeito por múltiplas práticas de oralidade e letramento, a partir do entendimento da escrita como constitutivamente heterogênea (CORRÊA, 1997). Sob a hipótese de que o produto escrito pode captar a circulação que o escrevente faz pelo (seu) imaginário sobre a constituição da escrita, Corrêa (1997) aponta três eixos pelos quais o escrevente circula na

representação que faz do que imagina ser: (i) a gênese da escrita; (ii) o código escrito institucionalizado; e (iii) a dialogia com o já falado/escrito e já ouvido/lido (CORRÊA, 1997). Neste trabalho, será enfatizado o primeiro eixo de representação da escrita, correspondente aos momentos pelos quais o escrevente, ao apropriar-se da escrita, a concebe como representação termo a termo da oralidade/fala. Por outro lado, propõe relações com o conceito de TD, definido, grosso modo, como a repetição e a evocação de uma maneira particular de escrever/falar que adquire valor de signo próprio (KABATEK, 2005), num diálogo crítico com a proposta de Kabatek (2005). O universo da investigação será composto por três textos narrativos, produzidos durante um acontecimento específico de linguagem: a contação de relatos pessoais no círculo de cultura em uma sala do PEJA. A partir de então, buscar-se-á situar a produção dos educandos do PEJA quanto à apreensão de possíveis marcas linguísticas que caracterizam o modo heterogêneo de constituição da (sua) escrita. A organização didática da análise será constituída por duas dimensões: (i) sintática e (ii) prosódica e lexical. Em (i), se observa os modos fragmentários de integração sintática e a reconstrução do fluxo da fala. Em (ii), trata da relação entre a prosódia e a ortografia. A partir desta proposta, a expectativa é contribuir com a discussão acerca dos aspectos ocultos do letramento acadêmico (STREET, 2009, 2006), expressão utilizada para mostrar que certos aspectos da produção do texto não são explicitados e/ou considerados no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo, no que diz respeito às TDs orais, uma vez que certas habilidades letradas são trazidas justamente de fora da sala de aula, espaço a que, de modo geral, se atribui, inadvertidamente, o predomínio da tradição oral.

O SUSPEITO DESAPARECIMENTO DA VÍRGULA EM ORAÇÕES SUBORDINADAS DESLOCADAS INTRODUZIDAS POR "QUANDO": UM ESTUDO SOBRE ICONICIDADE E ESPACOS MENTAIS EM CONTOS DE MISTÉRIO

Tiago Aguiar

tiagoar.lp@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Anabelle Sousa Azevedo

anabellesazev@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

As gramáticas normativas da língua portuguesa costumam ser uníssonas quanto à obrigatoriedade do uso da vírgula para separar orações subordinadas deslocadas de suas principais (BECHARA, 2019; CUNHA; CINTRA, 2001; CEGALLA, 2002; ROCHA LIMA, 2011). Embora essas gramáticas não justifiquem os motivos dessa obrigatoriedade, infere-se que se trata de uma

marcação eminentemente sintática, para sinalizar que a oração subordinada não está na ordem canônica em relação à principal. Contudo, ao analisarmos quinze produções do gênero “conto de mistério”, escritas por estudantes do sexto ano do ensino fundamental de uma escola particular de João Pessoa-PB, verificamos que, em 46% das redações, os estudantes não observaram essa regra em períodos introduzidos pela conjunção “quando”. Nesta pesquisa, nosso objetivo principal é refletir sobre as motivações sintáticas, semânticas, cognitivas e pragmáticas que podem ter levado os alunos a desconsiderar o uso da vírgula para separar tais orações. Com base na Linguística Cognitiva (ABREU, 2011; FERRARI, 2010; EVANS, 2019), em especial a categoria teórica *iconicidade*, nossa hipótese inicial é que, tendo em vista que a conjunção “quando” geralmente introduz no conto o clímax da narrativa, provocando o que Coulson (2001) e Abreu (2020) chamam de *frame-shifting*, os estudantes integram as ações evocadas pelos verbos da oração principal e da oração subordinada numa única cena. Nessa perspectiva, a oração introduzida pela conjunção “quando” deve ser entendida como um construtor de espaço mental (FAUCONNIER, 1994), o que justifica, do ponto de vista cognitivo, a integração entre as orações e, conseqüentemente, a não separação delas por vírgula no texto escrito. Como desdobramento desta pesquisa, pretendemos propor novas reflexões sobre o ensino de pontuação, vinculando-o a uma perspectiva cognitivo-funcional que leve em consideração que o uso da vírgula está atrelado a fatores não apenas sintático-semânticos, como faz crer as gramáticas tradicionais, mas também a aspectos cognitivos e pragmáticos (ANTUNES, 2014).

SESSÃO 2 DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

Coordenador: Monclar Guimarães Lopes - UFF

30/05 - 17h às 18h30min

Sala 218C

1. *Anteposição e posposição das orações finais instanciadas pelo subesquema [prep [det] N de]conect*
2. *Uma análise centrada no uso do conector [atrás de]*
3. *O conector tendo em vista (que) pela perspectiva da LFCU*

ANTEPOSIÇÃO E POSPOSIÇÃO DAS ORAÇÕES FINAIS INSTANCIADAS PELO SUBESQUEMA [Prep [det] N de]conect

Brenda da Silva Souza da Costa

brendassc@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense – UFF

A partir do arcabouço teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso, objetivamos analisar os efeitos semânticos advindos da posição da oração hipotática de valor final encabeçada pelos conectores *com o objetivo de*, *com o intuito de*, *com o fito de*, *com o propósito de* e *com a finalidade de*, na atual sincronia do português brasileiro. Esse intuito está associado ao objetivo principal de nossa pesquisa de doutorado em andamento, que pretende investigar as propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas das microconstruções conectoras finais instanciadas pelo subsquema [Prep [det] N de]connect. Realizamos a coleta de dados no *Corpus do Português*, na interface *now*, disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Inicialmente, foram coletados os primeiros 100 (cem) dados oracionais de cada conector estudado. A análise desses dados permitiu a conclusão de que tais conectores de valor final, apesar de não estarem previstos nas principais gramáticas tradicionais, são bastante produtivos no português atual. Os resultados iniciais já demonstram que as microconstruções de valor final estudadas foram formadas a partir do processo de *neoanálise* e que também há a atuação do fenômeno de *analogização* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Ademais, a partir de uma análise qualitativa dos dados, observamos a presença de significativas mudanças semânticas em relação à ocorrência da oração de valor final de forma anteposta ou posposta à matriz. Cabe ressaltar também que dados pospostos à matriz foram mais frequentes, sendo essa, portanto, a forma não marcada da construção. Em relação aos diferentes efeitos semânticos relacionados à posição da oração final, notamos que, conforme proposto por Thompson (1985), o próprio contexto anterior à cláusula de finalidade anteposta forma uma expectativa, que será nomeada na própria cláusula de finalidade, como se apontasse para uma espécie de “problema”, de modo que a solução se apresenta em seguida, na oração matriz. O mesmo não ocorre quando a oração final aparece posposta à matriz, pois, nesses casos, os dados revelam que há apenas a motivação do estado de coisas descrito na oração matriz.

UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO DO CONECTOR [ATRÁS DE]

Marcello Martins Machado
marcello_martins@id.uff.br
Universidade Feral Fluminense - UFF

O propósito deste trabalho é analisar os usos do conector [atrás de] na função de articulador de orações em língua portuguesa. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa recorreu ao *Corpus* do Português a fim de coletar dados do uso cotidiano, de situações comunicativas reais, em período compreendido entre 2012 e 2019. As análises dessas amostras abrangeram tanto a perspectiva

qualitativa quanto a perspectiva quantitativa. O método deste trabalho está ancorado na metodologia mista postulada por Lacerda (2016). Os resultados mostraram uma notável instabilidade no uso de *atrás de* em nossa atual sincronia. Com base na análise de 100 ocorrências, atestamos três diferentes usos: 77 ocorrências de *atrás de* cumprindo a função de conector de termos; 13 ocorrências em que *atrás* e *de* comportam-se como elementos autônomos; por fim, 10 ocorrências que comprovam o uso de *atrás de* como conector de orações. Ressaltamos que a classificação de *atrás de* como conector oracional, pertencente à rede [X de]_{connect}, não é pacífica e está longe de ser consensual, justamente devido ao seu caráter marginal e relativamente composicional. Contudo, por meio da evocação de critérios semântico-pragmáticos e com base na visão funcionalista de categorização, concluímos que *atrás de* é um conector híbrido (que combina orações com características de complementação circunstancial e de hipotaxe de finalidade), ainda que não prototípico. O arcabouço teórico que norteia esta pesquisa é o da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Rosário e Oliveira (2016), sob a compreensão de que o elemento fundante da gramática é a construção, ou seja, um pareamento simbólico de forma e sentido (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001). O trabalho também mobiliza outros conceitos de base cognitivo-funcional, como categorização e chunking (cf. BYBEE, 2010; 2016), neoanálise e analogização (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), subjetividade (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2002), além de outros associados à articulação de orações no plano funcional (LEHMANN, 1988; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; GIVÓN, 1990; HOPPER; NEVES, 2001; BRAGA, 2001).

O CONECTOR *TENDO EM VISTA (QUE)* PELA PERSPECTIVA DA LFCU

Camilla Canella Moraes Luzorio
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
ccmluzorio@gmail.com

Deise Cristina de Moraes Pinto
deisemoraes@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Neste trabalho, apresentamos análises parciais da pesquisa em andamento da microconstrução *tendo em vista (que)*. Para empreendê-lo, lançamos mão do aparato teórico-metodológico proposto pela Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; dentre outros). A língua, por essa vertente, é uma rede de construções organizadas hierarquicamente, cuja unidade básica é a construção, um pareamento de forma-função. À luz desse princípio, buscamos verificar (i) se a construção em tela foi formada a partir do esquema

adverbial [V [Prep SN]_{Adv}]; (ii) descrever seu uso; (iii) verificar suas propriedades formais e funcionais. Preliminarmente, foram coletados dados do *Corpus* do Português, que foram submetidos a uma análise qualitativa. Essa análise inicial nos permitiu identificar que, a partir desse esquema mais geral, são instanciados três subsquemas em que *tendo em vista* (*que*) conecta elementos ou orações: um subsquema prepositivo [V (X) [V_{sup ger} PREP_{em} SN]_{prep} SN]_{Adv}; um subsquema conector hipotático adverbial [Or [V_{sup ger} PREP_{em} SN (*que*)]_{conect subordinat} Or]; e um subsquema paratático [Or] [V_{sup ger} PREP_{em} SN (*que*)]_{conect coordinat} Or]. No subsquema prepositivo, *tendo em vista* figura no domínio intraoracional, unindo termos. Vincula-se a um SN compondo uma construção de valor adverbial, como ocorre em *A seleção será feita com base em uma pontuação, atribuída tendo em vista a titulação e a experiência de os profissionais* (G1, 27/05/2019). Nesse dado, veicula valor causal. No subsquema conector hipotático adverbial, *tendo em vista* (*que*) estabelece conexão interoracional introduzindo orações hipotáticas adverbiais, como ilustrado em *Na última sexta-feira, operários de a OI Telemar trabalharam de maneira intensa, tendo em vista melhorar o serviço de internet para o fórum de a cidade* (Elesbão News, 23/07/2017). Nessa ocorrência, *tendo em vista* (*que*) veicula sentido de finalidade. No subsquema paratático, por sua vez, *tendo em vista* (*que*) promove a junção de duas orações coordenadas, funcionando como conector coordenativo, como vemos em *Ele teve uma evolução muito boa, tendo em vista que são três dias depois de o jogo e por a intensidade de o trauma* (Correio do Povo, 12/06/2019). Nessa ocorrência, *tendo em vista* (*que*) veicula valor explicativo. Ademais, observamos que *tendo em vista* pode apresentar também função de retomada de referentes, encapsulando segmentos prévios de texto de diferentes dimensões como vemos em *Os atletas também foram ouvidos em a delegacia. O primeiro disse que desconhecia que as camareiras estavam em o seu quarto e se assustou com elas, que teriam gritado, não tendo compreendido o que diziam. O outro atleta declarou que não houve qualquer contato físico entre eles. # — Eles só pararam porque começamos a gritar — disse a camareira. # em esta sexta-feira, os atletas fizeram acordo com a Justiça e vão ter que pagar, cada um, R\$ 1, 5 mil para poderem sair de o país. # " Tendo em vista o que consta de os depoimentos e testemunhas, entendo que o fato a eles imputado merece reprimenda, de forma que entendo razoável proposta formulada* (Extra, 19/08/2016). É relevante enfatizar que essas são análises parciais; contudo, elas já apontam para a polifuncionalidade desse conector que atua unindo porções textuais de diferentes graus de vinculação e estabelecendo diferentes relações semânticas entre elas.

SESSÃO 3 DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

Coordenadora: Nilza Barrozo Dias - UFF

30/05 - 17h às 18h30min

Sala 501C

1. *O slot verbal nas construções condicionais insubordinadas com “se ao menos” a partir da análise colostrucional*
2. *Cláusulas hipotáticas de gerúndio em artigos de opinião*
3. *Postura epistêmica, ponto de vista e intersubjetividade: uma abordagem cognitivista de condicionais concessivas e concessivas canônicas*

**O SLOT VERBAL NAS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS COM
“SE AO MENOS” A PARTIR DA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL**

Maria Julia Bernardo Comarim

mjbcomarim@estudante.ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

flaviahiratavale@ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

As construções insubordinadas são, segundo Evans (2007), aquelas que apresentam marcas de subordinação, mas são empregadas de maneira sintática, semântica e pragmaticamente independente. Além de serem formalmente diferentes das subordinadas, as insubordinadas também expressam significados específicos, como apontado por HIRATA-VALE 2015, 2017, 2020, 2021; COMARIM, 2021). Nas construções condicionais insubordinadas (CCI) com “se ao menos” analisadas neste trabalho, verifica-se, além do sentido condicional, a expressão de desejos, algo que ocorre também em outras línguas (GROSZ, 2012; D’HERTEFELT, 2015). A fim de investigar essa semântica de desejo, realizou-se uma análise colostrucional, definida por Hilpert (2014) como uma possibilidade dentro dos métodos propostos pela Linguística de Corpus, que visa a descobrir quais itens lexicais co-ocorrem com uma dada construção, de modo a verificar se o sentido é refletido nos itens lexicais que compõem a construção. A realização de uma análise colostrucional parte, portanto, da “ideia básica de que o significado construcional é refletido em associações entre padrões sintáticos e elementos lexicais” (HILPERT, 2021, p. 95). Com base nas informações obtidas através da análise, pode-se apontar se a construção atrai ou repele um item lexical, o que torna possível a realização de análises qualitativas pautadas por esses dados estatísticos. Dessa forma, a principal finalidade de uma análise colostrucional é mostrar quais itens lexicais são “típicos” em uma determinada construção. Espera-se, com essa informação, chegar a

um melhor entendimento das construções insubordinadas encabeçadas por “se ao menos”. Para a pesquisa que aqui se apresenta, constituiu-se um corpus de análise composto de ocorrências reais provenientes do Corpus do Português (CdP) (DAVIES & MICHAEL, 2007), acrescentando ocorrências encontradas em tweets. A análise consiste na coleta das ocorrências, seleção das insubordinadas, anotação morfológica semi-automática, contagem dos verbos associados à construção e a análise colostrucional com o pacote *collostructions* (FLACH, 2017), por meio do programa R. Até o momento, as análises parecem apontar tendências que confirmam aquilo que já se afirmou sobre a semântica da construção em português e outras línguas. Isso se dá pelo uso recorrente de verbos como “poder”, “saber” e “conseguir”, que apresentam semântica de modalização quando usados na construção, veiculando o desejo do falante de ser capaz de realizar algo. Esse desejo se relaciona com outro aspecto da semântica da construção: a impossibilidade de realização do desejo. Além disso, esses dados nos permitem expandir os padrões morfossintáticos já mencionados no trabalho de Comarim (2021). Em um primeiro momento, afirmou-se que essas construções se apresentariam sempre com um verbo no imperfeito do subjuntivo, porém notou-se que, a depender do verbo utilizado, outros padrões morfossintáticos podem ocorrer, como a recorrência de certas perífrases verbais (SABER + INFINITIVO; CONSEGUIR + INFINITIVO e PODER + INFINITIVO). Por se tratar de uma pesquisa em andamento, alguns dados ainda estão passando por análises e discussões, mas os resultados parciais parecem confirmar aquilo que já se afirmou sobre o uso da construção no português e em outras línguas. Conclui-se, portanto, que essas construções podem ser consideradas como atuantes no espectro da categoria da modalização e a análise colostrucional das CCIs com “se ao menos”, a partir da especificação de uso de determinados verbos, mostra que elas são diferentes das construções subordinadas prototípicas, apresentando um significado construcional específico, refletido na associação de um padrão sintático a determinados elementos lexicais. (PROCESSO FAPESP: 2021/11125-5).

CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS DE GERÚNDIO EM ARTIGOS DE OPINIÃO

Amanda Heiderich Marchon
amandahch.lettras@gmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

À luz dos postulados teóricos do Funcionalismo (DECAT, 1993; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; MATTHISSEN e THOMPSON, 1988; NEVES, 2018), neste trabalho, propomos discutir aspectos sintático-discursivos das cláusulas hipotáticas que se apresentam-se sob a forma de gerúndio. Sob

a hipótese de que as cláusulas hipotáticas contribuem para a organização argumentativa do discurso, debruçamo-nos sobre um *corpus* composto por 254 cláusulas coletadas de 104 artigos de opinião publicados no jornal *Folha de São Paulo*, ao longo do ano de 2020. A análise preliminar dos dados revelou que, muitas vezes, há uma superposição de leituras relacionadas às cláusulas hipotáticas reduzidas de gerúndio, tanto no que se refere a aspectos semânticos quanto a aspectos sintáticos, o que exige que a análise extrapole o nível da sentença e considere os níveis do texto e do discurso. Especificamente sobre essa possibilidade de interpretação diversa dos dados que analisamos neste trabalho, cumpre destacar que o emprego do gerúndio no português contemporâneo tem sua origem no ablativo do gerúndio latino. De acordo com Campos (1972-1973, p. 386), a clara distinção, no período clássico, entre o ablativo do gerúndio – que originou o uso de estruturas de caráter adverbial – e o particípio presente – que originou estruturas de caráter adjetivo – desfez-se no período tardio. A constatação de Campos (1972-1973) corrobora a discussão acerca da imprecisão no que se refere à classificação das cláusulas de gerúndio no português – “dadas suas propriedades de adjetivo e advérbio verbais, o gerúndio passou a operar em nossa língua como núcleo de sentenças adjetivas e adverbiais.” (CASTILHO, 2010, p. 382). Com o objetivo de contribuir com a descrição das cláusulas hipotáticas reduzidas de gerúndio no português brasileiro, a abordagem proposta envolve a análise da estrutura investigada em perspectivas micro e macrotextuais, alinhando-se aos objetivos do projeto de pesquisa ao qual se vincula, intitulado *Argumentação e(m) linguagem: um estudo das cláusulas hipotáticas em perspectivas micro e macrotextuais*, desenvolvido na Universidade Federal do Espírito Santo.

**POSTURA EPISTÊMICA, PONTO DE VISTA E INTERSUBJETIVIDADE: UMA
ABORDAGEM COGNITIVISTA DE CONDICIONAIS CONCESSIVAS E
CONCESSIVAS CANÔNICAS.**

Gabriela Silva Ribeiro
gabrielaribeiro@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Lilian Vieira Ferrari
lilianferrari@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

A partir da perspectiva da Linguística Cognitiva, este trabalho objetiva contrastar as condicionais [Se P, Q], em que há uma relação concessiva entre a apódose P e a prótase Q, e as concessivas canônicas [Embora P, Q], que também apresentam uma relação de concessividade entre a oração subordinada e a principal. A pesquisa busca desenvolver a análise preliminar presente em Ribeiro

(2019), adotando, como base teórica, a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997), e as noções de Postura Epistêmica (Fillmore, 1990), Ponto de Vista (Sweetser, 2012) e Intersubjetividade (Tantucci, 2021). Em Ribeiro (2019), foram analisadas as relações entre Postura Epistêmica e Ponto de Vista em condicionais concessivas e concessivas canônicas, retiradas de textos jornalísticos. Em linhas gerais, a análise evidenciou que a principal distinção semântico-pragmática entre as construções está relacionada à Postura Epistêmica, que reflete a associação mental do falante em relação a um determinado evento, e à sinalização de Ponto de Vista em relação aos eventos descritos. Com relação às condicionais concessivas [Se P, Q], o trecho, a seguir, retirado do jornal Folha de São Paulo, ilustra sinalização de ponto de vista associada ao discurso reportado, em que o falante adota postura epistêmica neutra: (1) (*Corpus NILC/ São Carlos*) *A falta de mercado para profissionais que não tenham pós-graduação é apontada por Marques como uma das principais causas da grande evasão nos cursos de física. Outro problema comum é que o curso é, tradicionalmente, puxado. “Não é um bicho de sete cabeças, mas tem três ou quatro”*, diz. ***Se é difícil sair, é fácil entrar no curso de física. A relação candidato/vaga é baixa (3.6 na Fuvest 94)***. Nesse fragmento, é discutida a falta de mercado para aqueles que possuem apenas a graduação, confirmada pela reprodução da fala de Gil da Costa Marques, diretor do Instituto de Física da USP, sobre a necessidade dos diplomas de pós-graduação para a ampliação das oportunidades de trabalho. A partir dessas considerações, o jornalista reporta, mais uma vez, a fala do diretor do Instituto de Física da USP, em discurso direto. Em seguida, a condicional concessiva "Se é difícil sair, é fácil entrar no curso de física" é encaixada, retomando o discurso reportado do especialista, presente na base discursiva, em relação ao qual o falante adota postura epistêmica neutra. Por outro lado, em (2), há uma ocorrência do uso das concessivas canônicas em textos jornalísticos, em que não há retomada de um discurso reportado: (2) (*Corpus NILC/ São Carlos*) *A conservação passa a ser instrumento de uma determinada escolha desenvolvimentista, ancorada na necessária sustentabilidade de todas as interferências humanas na base natural do planeta. **Embora essa concepção seja declarada em prosa e verso nos discursos oficiais das autoridades governamentais, quase nunca é colocada em prática quando os órgãos e autoridades competentes precisam posicionar-se em relação a empreendimentos que vão na contramão de um real política de desenvolvimento integrado e sustentado.*** Em (2), a oração subordinada introduzida por “embora” expressa o Ponto de Vista próprio do jornalista. Esse fato é ratificado pela ausência de referências externas no trecho. Assim, a oração principal traz um contraponto à concepção apresentada na subordinada, a partir do Ponto de Vista do próprio falante. Ao se fazer essa análise com base na Teoria dos Espaços Mentais, o espaço aberto pela concessiva canônica [Embora P, Q] mantém o ponto de vista na própria base discursiva, expressando uma visão de mundo do próprio falante. Na esteira desses achados, o

presente trabalho busca articular as noções de Postura Epistêmica e Ponto de Vista a diferentes estratégias de sinalização de Intersubjetividade. Os resultados iniciais indicam que há uma relação gradiente entre as referidas construções, em que as concessivas [Embora P, Q] refletem a construção cognitiva da relação concessiva envolvendo apenas o próprio falante, enquanto as condicionais concessivas [Se P, Q] promovem uma construção intersubjetiva dessa relação, incluindo falantes reportados.

SESSÃO 4 DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS
Coordenador: Marcos Luiz Wiederman - FFP/UERJ
30/05 - 17h às 18h30min
Sala 505C

1. *Conceptualizações metafóricas do sucesso em memes*
2. *Padrões funcionais das microconstruções [portanto], [tanto que] e [e aí] no português contemporâneo: conectores da sintaxe ao discurso*
3. *O condicional evidencial reportativo em discursos políticos do português brasileiro: uma descrição cognitivista dos fenômenos de ponto de vista e perspectiva*

CONCEPTUALIZAÇÕES METÁFORICAS DO SUCESSO EM MEMES

Mayara de Araújo Mattos
mayaramattos2012@gmail.com
 Universidade Federal Fluminense - UFF

Este estudo propõe-se a conduzir uma investigação em torno do conceito de sucesso, na forma em que ele é conceptualizado e articulado em memes. Para tanto, serão observados os conceitos de Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), *frame* (FILLMORE, 1975), esquema imagético (LAKOFF, 1987), metáfora situada e nicho metafórico (VEREZA, 2013; 2016). Quanto à seleção do *corpus*, esta análise reúne 64 memes extraídos da plataforma *Google Images*, a partir das expressões de busca “sucesso é” e “sucesso é como”. Cumpre destacar que a análise que empreendemos dos dados coletados assume um caráter eminentemente qualitativo, não constituindo nossa preocupação submeter a tratamento estatístico os memes integrantes do *corpus*. Buscamos, assim, a partir da análise dos memes, investigar as possíveis conceptualizações sobre o sucesso, partindo da hipótese de que a linguagem metafórica presente nos discursos analisados pode relevar a maneira como o sucesso é conceptualizado em nossa sociedade. Como afirma Fauconnier (1997, p.1-2), “a linguagem visível é apenas a ponta do iceberg da construção invisível

do sentido que acontece enquanto pensamos e falamos”. Entende-se, assim, que na ponta do iceberg estão as marcas linguísticas, que servem para nos guiar em direção ao sentido almejado (SALOMÃO, 1999); e no fundo estão as estruturas preconceptuais e conceptuais que formatam nossos pensamentos e ações (LAKOFF; JOHNSON, 1988 [2002]). Nessa perspectiva, analisar as marcas linguísticas sobre o sucesso e tentar, a partir delas, identificar as metáforas conceptuais que as licenciam é uma maneira de compreender as representações cognitivas de sucesso. Em outras palavras, se a linguagem evidencia a metáfora conceptual, esta, por sua vez, evidencia as representações compartilhadas socialmente sobre sucesso. A partir desse entendimento, esta pesquisa seguiu a seguinte metodologia: (a) identificação das instanciações linguísticas metafóricas nos memes, com base no “procedimento de identificação de metáforas VU” [metaphor identification procedure VU] no discurso (STEEN *et al.*, 2010, p. 25); (b) identificação das possíveis metáforas conceptuais subjacentes às instanciações metafóricas, com base no procedimento de identificação de metáforas conceptuais – *bootstrapping* (DUQUE, 2018b); e (c) análise dos mapeamentos acionados nas metáforas conceptuais. Como resultado, pudemos constatar que as metáforas conceptuais mais frequentemente recrutadas para conceptualizar o sucesso em memes são: SUCESSO É PRODUTO DE RECEITA/FÓRMULA, SUCESSO É DESTINO DE VIAGEM, SUCESSO É TOPO DE ESCADA, SUCESSO É FRUTO DE COLHEITA e SUCESSO É BEM VALIOSO.

PADRÕES FUNCIONAIS DAS MICROCONSTRUÇÕES [PORTANTO], [TANTO QUE] E [E AÍ] NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: CONECTORES DA SINTAXE AO DISCURSO

Ana Beatriz Arena
bia.arena@gmail.com
 Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP/UERJ)

Ana Cláudia Machado
anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br
 Universidade Federal Fluminense (UFF)

Milena Torres de Aguiar
milenatda@gmail.com
 Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP/UERJ)

Este trabalho investiga os padrões funcionais de três elementos de conexão altamente produtivos no Português Brasileiro. Interessa-nos identificar as estratégias de articulação dos textos, partindo da ideia de que, para a pesquisa funcionalista, existe uma relação estreita entre as diversas motivações de ordem intra e extralinguísticas que forjam determinadas configurações e moldam

modos específicos de dizer. Nesse cenário, elementos de conexão articulam porções textuais, auxiliando a tessitura textual seja no âmbito sintático em nível macro, intermediário ou microtextual (KOCH; ELIAS, 2016), seja no âmbito do discurso. Nessa articulação, a argumentatividade e a (inter)subjetividade predominam, podendo tais conectores estar inseridos em contextos bastante modalizados, evidenciando a instância do produtor do texto e sua intencionalidade junto ao interlocutor. Sendo assim, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso em diálogo com a Linguística Textual, este estudo tem como objetivo central apresentar alguns padrões de uso de três microconstruções que emergem em contextos desde os mais sintáticos até os mais discursivos, como é o caso de [portanto], [tanto que] e [e aí] respectivamente. Valendo-nos de um *corpus* sincrônico, composto pela modalidade escrita ou pela escrita como reprodução de fala do Português Brasileiro (PB), conforme as amostras extraídas do Corpus do Português, realizamos uma análise quali-quantitativa dos dados. Os resultados parciais apontam que “portanto” é um conector de nível mais sintático, que vem se especializando na expressão de resultado, apresentando gradiência entre consequência e conclusão, decorrente de ambiguidade pragmática (SWEETSER, 1990); por sua vez, “tanto que” é um operador discursivo cuja estratégia é acrescentar uma possível comprovação da asserção apresentada na porção textual que o antecede, por fim, “e aí” como um marcador discursivo interacional atua no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte, em contextos informais em que o falante, com uma entonação exclamativa, cumprimenta o seu interlocutor, iniciando a interação, ou, então, com uma entonação interrogativa, inaugura um novo assunto ou incentiva seu ouvinte a fornecer mais detalhes sobre algo dito anteriormente.

O CONDICIONAL EVIDENCIAL REPORTATIVO EM DISCURSOS POLÍTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA DESCRIÇÃO COGNITIVISTA DOS FENÔMENOS DE PONTO DE VISTA E PERSPECTIVA

Beatriz de Souza Mella

beatrizmella@estudante.ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Flavia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

flaviahiratavale@ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

No português brasileiro (PB), Lourenço (2016) e Mella (2020) consideram que o condicional, como em outras línguas românicas, a exemplo do francês (DENDALE, 2012), do italiano (SQUARTINI, 2001), do português europeu (OLIVEIRA, 2013) e do espanhol (BOHM;

HENNEMANN, 2014), além de valores temporais e modais, pode expressar evidencialidade reportativa. O condicional reportativo (CR) funciona como estratégia discursiva para o falante descomprometer-se com relação ao conteúdo enunciado, conforme verificou Lourenço (2016), em textos do domínio jornalístico, e Mella (2020), em discursos políticos. Considerando que ao reportar um conteúdo o falante não expressa seu próprio material cognitivo, mas repassa o de outros, como afirma Hattnher (2018), Mella (2020) mostrou a necessidade de desenvolver uma análise do condicional reportativo a partir de uma visão cognitivista, como uma forma de expressão de ponto de vista e perspectiva com base em Dancygier (2017) e Vandelanotte (2019). Para tanto, pretende-se considerar na análise das ocorrências encontradas as propostas de Dancygier (2017), relativas a *Discourse Viewpoint Space* (DVS) e *Viewpoint Compression*, as mudanças de perspectiva dêitica e cognitiva ocasionadas pelo uso do CR no discurso, com base em Vandelanotte (2019), e a construção dos espaços mentais (FAUCONNIER, 1994. FAUCONNIER; SWEETSER, 1996. FAUCONNIER; TURNER, 2002). Assim, a partir do enriquecimento do *corpus* de pesquisa utilizado em Mella (2020), composto por discursos políticos da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, pretende-se, ainda, realizar uma análise quantitativa dos dados coletados, a fim de refinar a descrição formal do emprego do CR no PB realizada em Mella (2020), com o intuito de determinar os contextos discursivos em que o CR é usado e quais são as estratégias empregadas pelo falante na expressão da reportatividade como expediente de perspectivização. Espera-se mostrar que por meio do condicional reportativo o falante distancia-se e até nega seu comprometimento com a verdade da informação enunciada (MELLA, 2020), uma vez que ocorre uma mudança de perspectiva, dêitica e cognitiva, que pode ser apreendida em redes semântico-discursivo-pragmáticas; bem como ampliar os estudos, ainda incipientes, do condicional com valor evidencial no PB.

SESSÃO 5 DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

Coordenador: Dennis Castanheira - UFF

31/05 - 11h às 12h30min

Sala 212C

1. *Construcionalidade nas microconstruções aditivas de extensão: uma análise funcional centrada no uso*
2. *As relações de sentido da conjunção aditiva “e” na crônicas brasileiras*
3. *Possibilidades discursivas do e em manchetes do Meia Hora e do Extra em meio ao caos social da pandemia*

CONSTRUCIONALIDADE NAS MICROCONSTRUÇÕES ADITIVAS DE EXTENSÃO: UMA ANÁLISE FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Milena Silva dos Santos

milenasilva@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Esta pesquisa consiste em um projeto de dissertação de mestrado do programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Instituto de Letras da UFF. Considerando os impactos das vicissitudes do uso linguístico no sistema gramatical, objetivamos investigar as microconstruções conectoras *além de que* e *além que*. Para tanto, recuperamos nossos trabalhos anteriores sobre *além de* (ROSÁRIO E SANTOS, 2020;2022). A nossa hipótese é a de que as construções aditivas advindas do advérbio espacial “além” são consideravelmente produtivas na língua portuguesa, o que viabiliza sua variabilidade e gradiência linguísticas. Com o fito de comparar essas microconstruções e esmiuçar suas especificidades formais e funcionais, contamos com o arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), a partir de, sobretudo, Traugott e Trousdale (2013), Rosário e Oliveira (2016), Bybee (2016) e Rosário e Lopes (2019). O viés metodológico no qual direcionamos os estudos é o sincrônico, por meio das dimensões quantitativa e qualitativa. Para coleta de dados, utilizamos o Corpus do Português (disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/>). A partir desses procedimentos, descrevemos os padrões formais e funcionais de *além de que* e *além que*. Por ora, temos como resultados o fato de que esses conectivos apresentam níveis diferenciados em relação à Hipotaxe, situada no campo da integração de orações. Registramos instancias do uso em que os juntores se relacionam de maneira menos dependente à oração principal, bem como dados em que o contrário ocorre, ou seja, as orações introduzidas por *além de que* e *além que* exibem alto grau de interdependência à oração principal. Para além disso, essas novas microconstruções conectoras oracionais licenciam verbos flexionados e verbos na sua forma nominal infinitiva, o que consiste em um auspicioso achado de nosso trabalho, uma vez que tal fenômeno não incide sobre o conector *além de*, o qual instancia apenas verbos não finitos. Assim, embora a pesquisa esteja na metade do percurso, podemos concluir, ao menos parcialmente, que as necessidades sociocomunicativas dos falantes oportunizam o surgimento de novos conectores na língua.

AS RELAÇÕES DE SENTIDO DA CONJUNÇÃO ADITIVA “E” NAS CRÔNICAS BRASILEIRAS

Antonio Vianez da Costa
antonio.costa@ifam.edu.br
Universidade Estadual Paulista - Unesp

Fundamentada nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico, esta pesquisa tem como motivação a elevada recorrência da conjunção coordenativa “e” na tessitura da maioria dos tipos e gêneros textuais, especialmente nos de natureza narrativa. Com isso, objetiva-se investigar o papel funcional de “e”, considerando-se a ordem e a natureza da relação estabelecida em contextos de maior e de menor neutralidade discursiva. Para atender a esse objetivo, reuniu-se um *corpus* formado por cinco crônicas extraídas do livro *As Cem Melhores Crônicas Brasileiras*, com organização de Santos (2007). A análise tem suporte teórico especialmente em Givón (1995), Hopper (1987; 1988; 1998; 2008), Hopper; Traugott (1993) e Dik (1989; 1997b). Além desses autores, com base funcionalista, servirão de embasamento os trabalhos de Neves (2011; 2018), Pezatti (2009), Longhin e Pezatti (2016), Camacho (1998; 1999), Castilho (2012) entre outros. Para a análise dos dados, privilegiaram-se as construções de orações/frases completas, a fim de se observar a simetria e a assimetria, bem como uma relação menos neutra entre os segmentos coordenados por “e”, o que pode resultar na avaliação de uma relação semântica diversamente marcada (de contraste, causa-consequência, condição, finalidade). A escolha do gênero “crônica”, para a constituição do *corpus*, pauta-se na simplicidade e brevidade de que se reveste esse gênero textual. Sua base narrativa, dissertativa ou dialogal, embora escrita, traz consigo muito da oralidade e, nessa interação entre oralidade e escrita, nota-se o uso frequente de “e”, de modo a exigir uma explicitação que extrapole a organização puramente sintática. Como resultado, no plano da ordem oracional, verificou-se que a quase totalidade das ocorrências é formada por construções assimétricas, fato que, possivelmente, encontre sustentação nos diálogos ágeis, inscritos na sequenciação temporal do gênero “crônica”. Quanto à natureza, embora tenha prevalecido o “e” mais neutro, com o valor prototípico de adição, valores semânticos, como, por exemplo, causa-consequência e contraste, também figuraram na composição das crônicas em análise, o que aponta a necessidade de constantes reflexões acerca da funcionalidade desse conector.

POSSIBILIDADES DISCURSIVAS DO *E* EM MANCHETES DO MEIA HORA E DO EXTRA EM MEIO AO CAOS SOCIAL DA PANDEMIA

Clayton Luiz da Silva Moreira

claytonmoreira@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense – UFF

Este trabalho, que tem como suporte teórico principal a Teoria Semiolingüística de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau, sobretudo no que diz respeito à argumentação e suas operações lógicas e os seus múltiplos aspectos semânticos, propõe-se a analisar as relações lógico-semânticas do conector *e* em manchetes veiculadas pelos jornais populares *Extra* e *Meia Hora* entre os anos de 2020 e 2021, no contexto da pandemia do coronavírus e do decorrente caos social que se instaurou no Brasil e que foi retratado inúmeras vezes nas capas desses dois suportes de mídia. O objetivo deste trabalho é demonstrar como o *e*, esse conector neutro e argumentativamente frouxo, garante a permeabilidade de sentidos das manchetes analisadas. O presente estudo inicialmente sintetiza alguns conceitos básicos da Semiolingüística, como a ênfase dada por essa teoria às intencionalidades explícitas e implícitas do sujeito, o processo de semiotização do mundo e o contrato de comunicação. A seguir, aborda-se o conceito de relações lógicas de Charaudeau (1992) para, em seguida, deter-se especialmente sobre a conjunção, pretendendo evidenciar como os sentidos veiculados pelo conector *e*, que geralmente ficam restrito à adição, vão muito além do que é comumente ensinado nas escolas com o auxílio da Gramática Tradicional. Procede-se a um pequeno estudo sobre a multiplicidade tanto sintática quanto semântica do *e*, apoiado sobretudo em Monnerat (2003). Por fim, amparado na teoria de preservação de face de Goffman (1967), levanta-se o hipótese da utilização, por parte da instância midiática, dessa estratégia lingüística de polidez e atenuação que visa a evitar ou diminuir a responsabilidade pelo que é dito. A análise inicial mostra que os jornais são pródigos na utilização do *e* em manchetes porque visam proteger sua imagem diante do público e esquivar-se de polêmicas, sobretudo num cenário polarizado como o da sociedade brasileira, e assim procuram manter uma aura de imparcialidade.

SESSÃO 6 DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS
Coordenadora: Violeta Virgínia Rodrigues - UFRJ
31/05 - 11h às 12h30min
Sala 218C

1. *Práticas de escrita na infância: uma abordagem linguístico-discursiva da junção em textos narrativos*
2. *Um olhar para a escrita infantil a partir das tradições discursivas narrativa e argumentativa: uma análise linguístico-discursiva da junção*
3. *Gradiência construcional na rede [X de] connect*

PRÁTICAS DE ESCRITA NA INFÂNCIA: UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DA JUNÇÃO EM TEXTOS NARRATIVOS

Bruna de Paula Silva
bp.silva@unesp.br

Universidade Estadual Paulista/Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
UNESP/IBILCE

Este trabalho objetiva, ao adotar um quadro teórico de natureza linguístico-discursiva, descrever e analisar os mecanismos de junção (MJs), empregados em Tradições Discursivas narrativas (TDs), durante a aquisição do modo escrito de enunciação, de constituição heterogênea, por compor-se pelas relações com o já falado/escrito e ouvido/lido. Chama-se de *junktion* as técnicas linguísticas usadas para *juntar/combinar* elementos proposicionais e de TD a repetição de um texto, uma forma textual ou maneira particular de escrever/falar que adquire valor de signo próprio e que pode se formar em relação com qualquer finalidade de expressão ou elemento de conteúdo, cuja repetição estabeleça um laço entre atualização e tradição. Partindo da hipótese geral de que os MJs podem ser tomados como elementos *sintomáticos* de diferentes TDs e considerando-os enquanto *rastros* específicos de uma movimentação do sujeito em seu processo de textualização, procura-se identificar, no comportamento desses mecanismos, possíveis reflexos de TDs e *mesclas* de TDs, visando à obtenção de conclusões acerca das características dos textos e da tradição em que se inserem, com base em um enfoque no contexto de aquisição de TDs no modo escrito de enunciação. O universo da investigação compõe-se de textos produzidos por alunos matriculados, nos anos de 2001 a 2004, nas antigas 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, em escola pública de S. J. do Rio Preto-SP, e a análise segue uma metodologia qualitativo-

quantitativa. Os resultados dessa proposta contemplam aspectos concernentes à análise linguística de formas juntivas diversas, em contexto de aquisição da escrita, bem como de aquisição de uma TD, podendo contribuir para uma discussão relacionada ao ensino de língua materna, ao apontar para a dimensão linguística (tático-semântica) numa observação da junção como memória de realizações já feitas, integrando-a, enquanto processo formal, à língua e, ao mesmo tempo, ao texto, submetido a restrições histórico-discursivas. Por meio dos resultados alçados mostrou-se a tendência de usos paratáticos, enquanto arquitetura sintática, da junção; houve uma tendência para os sentidos de adição (32%); causa (25%); e tempo posterior (24%), uma vez que, na TD narrativa, são necessárias a adição de informações para a progressão da história, a partir do acréscimo de eventos; e as relações de efeito-causa/causa-efeito, regularmente constatadas em trânsitos semânticos a partir das de tempo posterior, configuram, enquanto papel determinante, uma sequencialidade dos eventos narrados. Atuam, recorrentemente, para essa configuração da TD narrativa, MJs em coocorrência de sintagmas nominais com viés temporal (como, por exemplo, “Um dia”, “Era uma vez”), como rastros da circulação dos sujeitos por práticas discursivas de tradições temporais constitutivas do narrar, em intrínseca relação com o já falado/escrito e ouvido/lido. Dentre as relações de sentido identificadas, destaca-se a de tempo posterior, que se torna a mais recorrente nos dados, se considerados seus usos prototípicos e em contextos de trânsitos semânticos.

UM OLHAR PARA A ESCRITA INFANTIL A PARTIR DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS NARRATIVA E ARGUMENTATIVA: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DA JUNÇÃO

Mateus Dias Santana
mateus.santana@unesp.br
Universidade Estadual Paulista - UNESP/IBILCE

Esta pesquisa, vinculada ao Projeto *Escrita e Tradição Discursiva no Ensino: da delimitação conceitual ao seu papel nos aspectos ocultos do letramento acadêmico* -FAPESP (Processo 2022/02850-0), tem por objetivo geral realizar uma análise linguístico-discursiva de mecanismos de junção (MJs) na *comparação* entre as tradições discursivas (TDs) *narrativa* e *argumentativa*, produzidas por sujeitos regularmente matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental II. O estudo fundamenta-se no conceito de escrita constitutivamente heterogênea (CORRÊA, 1997), associado a uma concepção dialógica de texto, a partir do conceito de TDs (KABATEK, 2006), e ao modelo funcionalista de junção (RAIBLE, 2001). O *corpus* é composto por 26 textos *narrativos* e 26 *argumentativos* e a metodologia apresenta uma análise qualitativo-quantitativa, com levantamento

das frequências *token* e *type* (BYBEE, 2003) dos MJs. Os resultados alcançados mostram que: (i) a arquitetura paratática prevalece nas duas TDs, apontando o que é fixo nessas tradições, e que as relações de *adição*, *causa*, *tempo posterior* e *contraste* são as mais frequentes; (ii) os sujeitos circulam pelos eixos 1 e 2, com frequência superior, nas duas TDs, para o eixo 1, numa escrita que se constitui a partir do imaginário dos sujeitos sobre o (seu) modo escrito de enunciar, o que se marca, na superfície do texto, com maior repetibilidade, a partir da *justaposição* e *e, e, e*, ao eixo 2, vinculam-se MJs em paralelismo sintático, dentro de listagens fechadas e convencionais e em espaços configurados por maior dependência tático-semântica; e (iii), no eixo 3, as TDs complexas narrativa e argumentativa se constituem, composicionalmente, mediante mesclas com diferentes TDs, por meio da dialogia com o já falado/ouvido e escrito/lido. Desse modo, esta pesquisa ilustra a simultaneidade dos três eixos, tomados em articulação teórico-metodológica com o conceito de TD, à luz da observação dos MJs num enfoque linguístico-discursivo.

GRADIÊNCIA CONSTRUCIONAL NA REDE [X de]_{connect}

Ivo da Costa do Rosário
ivorosario@id.uff.br
 UFF/CNPq/Faperj

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar a gradiência construcional observada em alguns conectores pertencentes à rede [X de]_{connect} do português (ROSÁRIO, 2022). A pesquisa está assentada em uma análise sincrônica, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), que se caracteriza como um desdobramento contemporâneo do Funcionalismo de vertente-norte americana em interação com pressupostos construcionistas e cognitivistas. Sob essa perspectiva, os conectores são analisados como pareamentos de forma (com propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) e de significado (com propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), nos termos de Goldberg (1995, 2003) e Croft (2001). No escopo da rede [X de]_{connect}, destaca-se o conector *antes de*, marcado por gradiência construcional, visto que é capaz de apresentar valores de tempo, condição e de finalidade (cf. ROSÁRIO; MACHADO, 2022), a depender dos contextos em que é instanciado. Elementos gramaticais aparentados funcionalmente com o *antes de*, em geral, são descritos como locuções prepositivas (BECHARA, 1999) nas obras tradicionais. Comumente, nessas obras, esses elementos contam com uma lacônica descrição em que se destaca seu papel de conectar apenas palavras ou sintagmas, sendo raras as abordagens que exploram valores funcionais distintos. Resultados de pesquisa comprovam, contudo, que esses conectores podem distanciar-se dos seus usos prepositivos

canônicos e passar a figurar no domínio da conexão interoracional, sendo marcados por inferências sugeridas e pressões de ordem pragmática. Assim, é possível atestar diferentes graus de gradiência no que tange a esses elementos gramaticais, o que se dá por meio do mecanismo de expansão contextual (cf. HIMMELMANN, 2004), que propicia uma progressiva metaforização de elementos mais concretos para usos cada vez mais abstratos e dotados de maior gramaticalidade. A metodologia de pesquisa prevê um estudo de *corpora* de língua escrita, sob o viés tanto quantitativo quanto qualitativo (cf. LACERDA, 2016), com ênfase nesta última modalidade.

SESSÃO 7 DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

Coordenadora: Nilza Barrozo Dias - UFF

31/05 - 11h às 12h30min

Sala 501C

1. *Os usos sincrônicos da construção [prep exceção de X] na conexão de orações*

2. *Análise funcional dos usos de perto de em língua portuguesa*

3. *Conectivos condicionais complexos na lusofonia: os usos de a menos que e a não ser que em perspectiva funcional*

OS USOS SINCRÔNICOS DA CONSTRUÇÃO [PREP EXCEÇÃO DE X] NA CONEXÃO DE ORAÇÕES

Fabiana Felix Duarte Moreira

fabianamoreira@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense – UFF

O objetivo deste trabalho é descrever os usos sincrônicos da construção [prep exceção de x] na conexão de orações, a fim de determinar, desse modo, o panorama dessa construção conectora no português. Com a escassez de trabalhos linguísticos que abordem as construções com semântica de exceção, faz-se necessária a análise dos usos de instanciações como esta, por exemplo, em que há o conector de exceção *à exceção de* seguido de verbo no infinitivo: “É expressamente proibido o exercício de outra atividade remunerada pelo trabalhador no período das férias, *à exceção de existir* autorização do empregador ou quando já exerça cumulativamente.” O referencial teórico adotado neste trabalho tem como base a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), vertente teórica oriunda do Funcionalismo norte-americano que se apropria de perspectivas cognitivistas no estudo dos fenômenos linguísticos. Julgamos ser essa a abordagem apropriada para a

investigação do nosso objeto de pesquisa, por assumir uma visão holística dos fenômenos linguísticos ao incorporar a semântica e a pragmática à análise das construções, alargando seus interesses para além do plano morfosintático. Para esta análise, coletamos dados sincrônicos do *Corpus do Português*, interface *Web/Dialetos* (disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>), a partir de busca eletrônica por **e*e*ão de** para captar as diversas grafias possíveis da palavra “exceção” nas instanciações da construção. Para esta descrição, foram selecionados, aleatoriamente, 100 dados da construção conectora de orações [prep exceção de x]. Constatamos nesse *corpus* coletado que (i) a construção é instanciada pelas preposições *a* e *com*; (ii) o *slot* vazio da construção pode ser preenchido por verbo no infinitivo ou pelo conectivo prototípico *que*. Os resultados parciais dessa pesquisa confirmam a produtividade da construção conectora [prep exceção de x], justificando, assim, o estudo desse fenômeno linguístico para contribuir com a descrição do plano de integração de orações da língua portuguesa.

ANÁLISE FUNCIONAL DOS USOS DE *PERTO DE* EM LÍNGUA PORTUGUESA

Vitor Luiz Elias Pessoa
vitorpessoa@id.uff.br
 Universidade Federal Fluminense - UFF

Esta pesquisa científica tem por objetivo principal propor uma análise dos usos de *perto de* em língua portuguesa, especialmente com foco na microconstrução conectora *perto de*, que cumpre o papel de ligar orações não finitas. A pesquisa baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante LFCU. Esses pressupostos são pautados na interação entre discurso e gramática, forma e função, compreendendo a língua como um processo dinâmico e criativo. Esse tema de pesquisa justifica-se pela observância da quantidade reduzida de análises do assunto nos compêndios gramaticais e da clara importância da contribuição que esses estudos podem dar para uma melhor compreensão da morfosintaxe do português e para o ensino da língua. Segundo Traugott e Trousdale (2013), a língua é uma rede de construções hierarquicamente organizadas, cuja unidade básica é a construção, produto de um pareamento forma e função (GOLDBERG, 2016). Assim, tendo em vista essa afirmação, por conseguinte, objetiva-se especificamente, neste trabalho: i) mapear a frequência de uso de *perto de*, com foco em seu uso como conector de orações; ii) verificar os padrões construcionais de uso do *perto de* em contextos oracionais, caracterizando suas propriedades formais e funcionais; e iii) analisar as inferências semânticas e sintáticas que o conector, em seu uso, permite. A metodologia empregada

nesta pesquisa é de cunho quantitativo e qualitativo, com maior destaque para aspectos qualitativos, a partir de um estudo que relaciona a teoria com dados empíricos, ou seja, dados de uso da língua. Os dados sincrônicos são coletados no *Corpus do Português* (disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>). Os resultados comprovam que, além do valor prepositivo, *perto de* apresenta dois usos principais no campo da ligação de orações: um de uso predicativo e outro de uso conectivo, sendo este segundo provavelmente derivado do primeiro, o que apontam outros estudos análogos ao nosso objeto de estudo.

CONECTIVOS CONDICIONAIS COMPLEXOS NA LUSOFONIA: OS USOS DE A MENOS QUE E A NÃO SER QUE EM PERSPECTIVA FUNCIONAL

Amanda de Lira Santos

amanda.santos8@alunos.uneal.edu.br

Universidade Estadual de Alagoas- UNEAL

Douglas Gonçalves de Souza

douglas.souza@uneal.edu.br

Universidade Estadual de Alagoas- UNEAL

Este trabalho objetiva apresentar uma descrição sincrônica dos usos dos conectivos condicionais complexos, quais sejam, *a menos que* e *a não ser que*, aplicada às variedades do português do Brasil, Portugal e Angola, a partir da proposta de Visconti (1996). Ampara-se sob o escopo de pressupostos teóricos funcionalistas defendidos, sobretudo, em Givón (1984), Hopper & Traugott (1993), Neves (2011;2018), Hirata-Vale (1998) e Oliveira (2008). Constituem o *corpus* de pesquisa dados de língua escrita do domínio jornalístico, retirados do *Corpus* de Referência do Português contemporâneo (<http://gamma.clul.ul.pt/CQPweb/>), a fim de que se possa abrigo, em nosso escopo de análise, formas condicionais canônicas e não-canônicas (como as subordinadas, cf. Hirata-Vale, 2015) instanciadas por estes conectivos. Em face das definições estanques e lacunares propostas pela tradição gramatical de base normativa, e da inversa dinamicidade e criatividade linguística envolvidas no jogo interacional, propõe-se uma revisão destas conceptualizações, pautadas na lógica e em valores de verdade absolutos, e se oferece uma descrição sistemática da língua em função, na qual estão envolvidos valores pragmáticos e discursivos na codificação destas estruturas. Embora esteja inserido em uma longa e diversificada agenda de estudos sobre a condicionalidade, este estudo busca, de modo geral, reunir as contribuições destes trabalhos e, de modo particular, suprir os hiatos existentes na zona dos conectivos condicionais complexos. Esses objetivos estão relacionados a parâmetros analíticos que contemplam o eixo formal e funcional, tais como: (i) correlação modo-temporal das orações;

(ii) identidade de sujeito; (iii) ordem (anteposta, posposta e intercalada); (iv) nível de hipoteticidade (factual, eventual e contrafactual), (v) camada semântica (conteúdo, epistêmico e ato de fala); (vi) tipo de articulação (oracional, paragrafal, discursiva/insubordinada) e (vii) funções pragmáticas a que servem estas orações (como marcadores de polidez/ameaça). Empregase o método misto (Lacerda, 2016), que correlaciona aspectos quantitativos e qualitativos e, prioriza-se, especialmente, o tratamento qualitativo dos dados para o teste de nossas hipóteses. O exame preliminar destas construções parece apontar para uma tendência, nas três referidas variedades, para usos não-prototípicos de condicionais prefaciadas por *a menos que* e *a não ser que*, não previstos nas definições tradicionais, o que, tal qual defendido neste trabalho, pode estar diretamente relacionado às particularidades do domínio textual e de características internas destas orações.

SESSÃO DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS 8
Coordenador: Marcos Luiz Wiederman - FFP/UERJ
31/05 - 11h às 12h30min
Sala 505C

1. *O emprego de cláusulas subordinadas, hipotáticas, paratáticas e justapostas em propagandas: um diálogo entre pesquisa e ensino*
2. *Uso do verbo 'causar' em conotações positivas: uma análise construcional*

O EMPREGO DE CLÁUSULAS SUBORDINADAS, HIPOTÁTICAS, PARATÁTICAS E JUSTAPOSTAS EM PROPAGANDAS: UM DIÁLOGO ENTRE PESQUISA E ENSINO

Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann
adrianagoncalves.uerj@gmail.com
 Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP UERJ

No que se refere à estruturação do período composto, as gramáticas tradicionais e os livros didáticos associam a justaposição às orações coordenadas assindéticas, descrevendo a justaposição como um simples modo organizacional. Entretanto, analisando mídias impressas e digitais, atesta-se que, conforme proposto por Gonçalves Mallmann (2021), Gonçalves (2017) e Dias (2009), a justaposição é um processo sintático caracterizado por uma autonomia sintática, por uma interdependência semântica e pela ausência de conector entre as cláusulas. Deste modo, motivada pela reflexão proposta por Decat (2001) sobre a maior ocorrência de cláusulas justapostas em propagandas devido a um caráter semanticamente produtivo e aparentemente

simples, buscou-se, por meio dos parâmetros da Gramática do *Design* Visual de Kress; Van Leeuwen (2016) e do mapa cognitivo das afinidades semânticas propostas por Kortmann (1997), verificar se os recursos pragmáticos e semióticos empregados nas peças publicitárias, em conjunto com o conteúdo circunstancial implícito nas cláusulas justapostas, corroboram com a finalidade comunicativa do gênero textual. Assim, a partir de 22 (vinte e dois) dados, apontam-se algumas reflexões acerca dessa relação entre a justaposição e o gênero textual propaganda. As análises e discussões estabelecidas confirmam a hipótese de Decat (2001) no que se refere às inferências circunstanciais, elemento característico de orações justapostas, serem um aspecto que, além de dialogar com os elementos linguísticos e semióticos das propagandas, atendem plenamente a função comunicativa das mídias. Além disso, a partir de algumas atividades e diálogos com alunos da educação básica, mais especificamente com o 2º ano do Ensino Médio do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp UERJ, verificou-se que, as cláusulas justapostas em textos multimodais, como as propagandas, promovem maior engajamento e envolvimento dos discentes com o produto ou ideia apresentada/ comercializada. Sendo assim, constatou-se a necessidade cada vez maior do diálogo entre língua, discurso e gramática em sala de aula.

USO DO VERBO ‘CAUSAR’ EM CONOTAÇÕES POSITIVAS: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL

Juliana Behrends de Souza Cerqueira
jubehrends@gmail.com
Universidade Federal Fluminense - UFF

O presente estudo tem a meta de detalhar as semânticas do verbo ‘causar’ em conotações positivas por meio de uma análise construcional pautada no uso. Para tanto, apoiando-se nos constructos da Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante LFCU, elegeu-se como corpora os títulos de notícias e/ou de reportagens publicizados em contexto jornalístico digital, tendo em vista que esses devem ser bem elaborados e apresentar condições para que possam ser lidos com objetividade, rapidez e facilidade. As construções localizadas [X CAUSA Y_{POSITIVO}] apresentam, primeiramente, contextos de uso diferentes da percepção já muito difundida de que as expressões pré-fabricadas como [X CAUSA Y_{NEGATIVO}] possuem um forte idiomatismo e são, por essa razão, consideradas parcialmente esquemáticas. As análises realizadas nas construções localizadas demonstraram que os vocábulos ocupantes do slot Y, ainda que empregadas com semântica positiva, possuem conotação negativa se forem considerados aspectos etimológicos pautados na diacronia. Ainda, em alguns dados encontrados, ficou evidente que o contexto ou o cotexto com semântica negativa influenciam o recrutamento do verbo ‘causar’, reafirmando que evidentemente

há um forte idiomatismo no uso da construção [X CAUSA Y]. Dessa forma, chega-se à conclusão de que o verbo ‘causar’ pode funcionar, em dadas situações, como um causador a algo positivo ou negativo. Contudo, seu uso em conotações aparentemente positivas ou, ainda, neutras é quantitativamente menor se comparado à frequência type, vista como armazenamento de tipos construcionais, em contextos marcadamente negativos. Em termos abstratos, a ideia desenvolvida foi a de que um dado item [CAUSAR] possui uma certa forma [X CAUSA Y] e um uso frequente na língua [X CAUSA Y_{NEGATIVO}]. A reanálise estrutural aconteceu quando esse item [CAUSAR], que ainda tem a forma pré-estabelecida [X CAUSA Y], passa a ter uma outra ocorrência [X CAUSA Y_{POSITIVO}], ainda que menos expressiva. Portanto, com esse estudo qualitativo, espera-se contribuir para investigações que se preocupem em verificar a produtividade e a improdutividade de algumas construções a fim de rastrear novos usos na língua como o caso em investigação, fomentando, por conseguinte, pesquisas mais profundas sobre a influência de aspectos etimológicos, contextuais e cotextuais no recrutamento de elementos em construções vistas como pré-fabricadas.



LISTA DE PÔSTERES

1. O conectivo "por isso" em perspectiva funcional centrada no uso (<i>Ana Flávia Dias – UERJ-FFP</i>)
2. Orações hipotáticas instanciadas pelo conector [a respeito de] _{connect} : um estudo funcional centrado no uso (<i>Anna Carolina Ribeiro de Almeida – UFF; Gabriela Gonsalves Santos – UFF</i>)
3. Usos polissêmicos da construção “e aí” no português brasileiro (<i>Carolina Santos Martins – FFP/UERJ</i>)
4. Hipotaxe circunstancial em notícias do jornal o Globo (<i>Elaine Paiva de Oliveira – UFES</i>)
5. Intersubjetividade e argumentatividade na conexão textual-discursiva: o caso de “vai que” (<i>Gabriela Slves Conceição – UFF</i>)
6. Os usos polissêmicos da microconstrução “por aí” no português contemporâneo (<i>Jessie Gabrielly dos Reis Lima Figueiredo – UFFP/UERJ</i>)
7. Padrões de uso de <i>assim</i> em perspectiva funcional (<i>Kamilla Andressa da Paz Gouvêa Nascimento – FFP/UERJ</i>)
8. Tecendo conexões discursivas: o papel do operador argumentativo “note que” na construção de textos formais (<i>Larissa Nacif Basrbosa – UFF</i>)
9. A microconstrução [sendo assim] como estratégia coesiva na expressão de resultado: um estudo à luz da LFCU e da linguística textual (<i>Rachel Guarany dos Santos Fernandes – FFP/UERJ</i>)
10. Microconstrução [então] como operador de sequenciação temporal e textual – uma análise sincrônica à luz da lfcu e da linguística textual (<i>Sara de Jesus Silva Medeiros Quintanilha – FFP/UERJ</i>)
11. Análise pancrônica dos conectores “com isso” e “com isto” (<i>Simone Josefa da Silva – UFF/CAPES</i>)
12. Usos da microconstrução de resultado <i>portanto</i> na modalidade escrita da língua, em perspectiva funcional centrada no uso (<i>Victória Barreto Ribeiro – UERJ</i>)
13. Conexões textuais-discursivas: o papel do operador argumentativo “veja que” na construção de textos formais de cunho opinativo (<i>Vitória Ribeiro Nascimento – UFF</i>)

O CONECTIVO "POR ISSO" EM PERSPECTIVA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

*Ana Flávia Dias
danaflavia2@gmail.com
UERJ/FFP*

Esta pesquisa tem a finalidade de observar e analisar de forma síncrona os diferentes usos da microconstrução [por isso] em função conectora, tendo como bases teóricas a Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme Traugott e Trousdale (2013), e a Linguística Textual, nos termos de Marcuschi (2005), Koch (2005) e Koch e Elias (2016). No âmbito da LFCU, consideramos especialmente as propriedades da forma e da função de Croft (2001), o conceito de ambiguidade pragmática (Sweetser, 1990) e também o princípio de iconicidade (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2015). Já no âmbito da Linguística textual, utilizamos estudos sobre a tipologia de articuladores do texto e a teoria dos gêneros e tipos textuais. Sendo assim, colocamos os seguintes objetivos a serem cumpridos no que diz respeito à microconstrução [por isso] em função conectora: 1) demonstrar que o conectivo por isso não tem um padrão de uso único e estático conforme a gramática tradicional descreve, mas sim diferentes padrões de acordo com o contexto em que é empregado; 2) reconhecer suas, as propriedades de forma (sintáticas, morfológicas e fonológicas) e da função (semânticas, pragmáticas e discursivas) (Croft, 2001); 3) analisar fatores de textualidade e níveis estruturais de articulação, conforme os contextos de uso da microconstrução em estudo. Os dados para análise são de dois domínios distintos: a) domínio jornalístico, os quais foram retirados do Corpus Now, que compõe o Corpus do Português; b) domínio literário, retirados do Corpus Linguatca. Foi coletado o total de 100 dados da modalidade escrita, sendo 60 do domínio jornalístico e 40 do domínio literário. Até o presente estágio da pesquisa, foi possível observar que: 1) o conectivo por isso é mais utilizado em nível microestrutural, fazendo a articulação entre duas orações; 2) a anaforicidade ainda está muito presente no componente "isso", sendo assim a função de retomar um termo que já foi mencionado antes no texto é um traço do conectivo; 3) o conectivo não contribui muito para progressão textual, pois são poucos os casos em que por isso está sendo usado pelo falante com a finalidade de introduzir informação nova. Por fim, espera-se que, com esta pesquisa, possamos entender como o conectivo por isso é utilizado pelos falantes da língua portuguesa na variedade brasileira; 4) o conectivo é mais utilizado de forma abstrata.

ORAÇÕES HIPOTÁTICAS INSTANCIADAS POR [A RESPEITO DE]connect: UM ESTUDO FUNCIONAL CENTRADO NO USO

Anna Carolina Ribeiro de Almeida
ribeiroanna@id.uff.br
 Universidade Federal Fluminense - UFF

Gabriela Gonsalves Santos
gonsalves_gabriela@id.uff.br
 Universidade Federal Fluminense – UFF

Este trabalho insere-se em uma grande agenda de investigações do CCO - Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações. A pesquisa que ora se apresenta está associada ao projeto de pesquisa intitulado "Esquema [X de]connect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso", cujo objetivo geral consiste em descrever e analisar a rede construcional do esquema [X de]connect e suas instanciações em língua portuguesa, em perspectiva sincrônica, com atenção para seus aspectos formais e funcionais. Esse esquema [X de]connect abriga diversos conectores responsáveis pela combinação de orações hipotáticas não finitas em língua portuguesa, como antes de, depois de, em vez de etc. Nesse grande rol de conectores, destaca-se a respeito de, foco deste trabalho, que está sendo desenvolvido no âmbito de um projeto de Iniciação Científica. Assim, objetivamos analisar as orações instanciadas pelo conector a respeito de em cotejo com seus outros usos na gramática do português, como se verifica no exemplo a seguir: “Não é muito diferente de massa de modelar. Inclusive eu roubei algumas pecinhas de brinquedo (devidamente higienizadas, claro) para trabalhar a massa americana. Confesso a vocês que não foi fácil. Eu nunca li nada **a respeito de** confeitaria bolos nem usar massa americana, nem sou prendada em esse tipo de coisa. Mas com amor a coisa vai tomando forma...” (<http://estimulandomeusfilhos.blogspot.com/2013/08/comemorando-o-aniversario-de-maria.html>). Adotamos a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) como norteadora da investigação, pelo fato de ser pautada na interação entre discurso e gramática, com especial atenção para aspectos de forma e função, o que propicia uma análise mais holística do fenômeno linguístico. A LFCU é uma vertente teórica que tem foco central nos usos efetivamente flagrados em corpora de língua real. A metodologia de pesquisa prevê um estudo teórico e empírico, sob o viés quantitativo e qualitativo, com ênfase na segunda modalidade. Os dados estão sendo coletados em corpus sincrônico, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>. Assumimos a hipótese de que o conector a respeito de é produtivo em língua portuguesa e introduz orações hipotáticas de assunto, a despeito do silêncio dos compêndios gramaticais quanto a esse uso.

USOS POLISSÊMICOS DA CONSTRUÇÃO “E AÍ” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Carolina Santos Martins
carolsantosccmm@gmail.com

Faculdade de Formação de Professores/UERJ

Fundamentado nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), segundo a qual “a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação” (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14), e na Linguística Textual-Interativa, mais especificamente nos trabalhos sobre os marcadores discursivos (MD) de Risso *et all* (2002, 2015), o presente trabalho estuda a construção “e aí” em uso no Português Contemporâneo, dando maior relevo à sua função como MD, resultado de um possível processo de mudança linguística. Esta pesquisa, então, objetiva identificar e descrever os distintos padrões de uso da construção “e aí” de acordo com seus contextos comunicativos no português falado; compreender o papel que a construção marcadora discursiva “e aí” assume no ato comunicativo, segundo os postulados de Risso *et all* (2015); e buscar na construção “e aí” os traços definidores dos marcadores discursivos propostos por Risso *et all* (2015). Partimos da hipótese de que, ao usarmos, em contextos específicos, o advérbio *aí* ao lado do conectivo *e*, temos a formação de um *chunk* (Bybee, 2003), em que cada item se distancia da sua função original e, juntos, geram um novo pareamento de forma-sentido (Croft, 2001), uma nova construção na língua, à qual é atribuído o papel de MD, conforme podemos atestar em: “Safadão, segurando o filho caçula, Dom, recepcionou João Miguel ao lado da mulher, Thyane Dantas. “E aí, João, beleza?”, perguntou o cantor para o fã, que mesmo vestido com uma camiseta do ídolo não disfarçou a timidez e o rosto assustado pela surpresa.” (*Corpus* do Português, UOL, Wesley Safadão). Os marcadores discursivos, em geral, são conceituados como unidades linguísticas independentes que atuam na articulação e no gerenciamento dos processos de construção textual do ato comunicativo e aos quais se atribui uma categoria pragmática. Por meio de uma pesquisa sincrônica de cunho prioritariamente qualitativo, investigamos a construção “e aí” no *Corpus* Discurso & Gramática das cidades de Niterói, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Rio Grande e Natal e, também, no *Corpus Now* do *Corpus* do Português. Este levantamento de dados nos forneceu um total de 216 *tokens*, divididos em 7 contextos de uso distintos: sequenciador temporal; sequenciador de adendo; sequenciador de retomada tópica após inserção; sequenciador de fecho de tópico; conector de causalidade; questionador e de cumprimento. A partir das análises realizadas, compreendemos que “e aí”

apresenta os traços caracterizadores de um MD, de acordo com Risso *et all* (2015), e que se configura como uma nova construção na rede esquemática[X Adv]_{MD}, com propriedades de forma e sentido particulares.

HIPOTAXE CIRCUNSTANCIAL EM NOTÍCIAS DO JORNAL O GLOBO

Elaine Paiva de Oliveira

elaine.paiva1819@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Este trabalho está vinculado ao Projeto de Pesquisa intitulado *Argumentação e(m) linguagem: um estudo das cláusulas hipotáticas em perspectivas micro e macrotextuais*, em que se investiga o emprego de cláusulas hipotáticas na construção da argumentação. Nesta pesquisa, à luz dos pressupostos do Funcionalismo (DECAT, 1993; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988) associados a contribuições da Teoria Semiolinguística do Discurso (CHARADEUAU, 2008; 2020), propõe-se analisar aspectos sintático-discursivos de 63 cláusulas hipotáticas circunstanciais encontradas em 12 notícias publicadas no jornal O Globo, no mês de junho de 2022. Em pesquisa anterior (ALVES, 2022) realizada no âmbito do mesmo projeto, analisou-se o emprego das cláusulas hipotáticas circunstanciais em crônicas. Na investigação que ora se apresenta, busca-se investigar o emprego das mesmas estruturas sintáticas, mas em outro gênero, qual seja, notícias publicadas pelo mesmo jornal. Diferentemente da crônica (acontecimento comentado), em que se observa, com nitidez, a presença de um enunciador que avalia e julga a realidade, os textos jornalísticos de caráter informativo, como a notícia (acontecimento relatado), são tradicionalmente entendidos como produções que procuram apresentar algum fato de forma objetiva e credível (MARCHON; ANTUNES, 2020). Por veicularem um discurso argumentativo menos explícito do que o discurso observado em crônicas, trabalha-se com a hipótese de que a hipotaxe circunstancial seria menos frequente em notícias. A análise preliminar dos dados revelou que (i) as cláusulas hipotáticas circunstanciais são mais frequentes nos trechos da notícia em que se apresenta a voz de atores sociais de alguma forma relacionados ao fato noticioso, voz essa, em geral, expressa por meio do discurso direto; (ii) no que se refere à relação semântica instanciada por essas cláusulas, observou-se que as noções de finalidade (25%), tempo (16%), causa (12%) e condição (11%) são as mais recorrentes; (iii) essas estruturas, majoritariamente, são introduzidas no discurso por meio de um conector, perfazendo 89% dos dados analisados.

INTERSUBJETIVIDADE E ARGUMENTATIVIDADE NA CONEXÃO TEXTUAL-DISCURSIVA: O CASO DE “VAI QUE”

Gabriela Alves Conceição
gabrielaconceicao@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense - UFF

Estudos da língua em uso são o alvo da pesquisa funcionalista, uma vez que nos interessa flagrar o desenvolvimento de elementos menos ou mais procedurais em seus contextos específicos bem como analisar o comportamento desses elementos na situação comunicativa. Sob essa perspectiva, elementos procedurais de conexão textual-discursiva surgem como pistas ou indicadores de crenças e opiniões do falante, sendo mediadores da intersubjetividade estabelecida na díade comunicativa, analisadas nas propriedades pragmáticas e atuam em prol da argumentação presente no projeto de texto do autor, analisada por meio das propriedades discursivas. Assim, este estudo foi desenvolvido no nível da graduação e se insere nas atividades do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO-UFF). O presente estudo enseja descrever e analisar o conector “vai que” como um elemento procedural de conexão textual-discursiva cuja estratégia evidencia a instância pragmática e a discursivo-funcional. Além disso, interessa-nos especificamente mapear os contextos de uso em que esse elemento se fixa de forma a definir sua atuação como operador argumentativo a serviço de gêneros discursivos em que o estilo é mais informal. Em termos de fundamentação teórica, o estudo foi desenvolvido à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), mais especificamente no pressuposto de que a língua é uma rede de construções organizadas hierarquicamente (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), cuja unidade básica é a construção, identificada pelo pareamento forma-função (GOLDBERG, 2016). Nossas análises pautaram-se na metodologia qualitativa e quantitativa dos dados, tomando como base um corpus sincrônico, composto pela modalidade escrita do Português Brasileiro (PB), como mostram os dados extraídos do Corpus do Português, disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Os resultados apontam que “vai que” é um operador argumentativo altamente produtivo em textos mais informais em que se apresenta um enquadre de hipótese para articular uma opinião sob a forma de uma possibilidade. Dessa forma, ao mesmo tempo promove-se um engajamento maior do ouvinte/leitor e estabelece-se uma estratégia de polidez a fim de resguardar a autoimagem do falante/autor.

OS USOS POLISSÊMICOS DA MICROCONSTRUÇÃO “POR AÍ” NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Jessie Gabrielly dos Reis Lima Figueiredo
gabriellyreis07@gmail.com
Faculdade de Formação de Professores/UERJ

O presente trabalho objetiva descrever e analisar os usos polissêmicos da microconstrução *por aí* no português contemporâneo, a fim de reconhecê-la como um marcador discursivo sequenciador após uma possível trajetória de mudança linguística. Apoiados nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), teoria que compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas, e da Gramática Textual-Interativa, assumimos como hipótese que, em contextos específicos, o advérbio *aí* ao lado da preposição *por* forma um *chunk* (Bybee, 2003) em que cada item se distancia da sua função original e, juntos, geram um novo pareamento de forma-sentido (Croft, 2001), isto é, um novo papel, o de marcador discursivo, conforme podemos atestar no seguinte exemplo: “as pessoas num tão encarando com tanta seriedade mais o casamento ... então já se casa na perspectiva de ... se num der certo ... vai um pro lado e um pro outro e tudo bem ... eu não acho que seja *por aí* ... talvez nesse ponto eu seja meio conservador ... e acho que a família deve ser preservada ...” (*Corpus D&G*, Relato de Opinião Oral, Natal). Os marcadores discursivos são unidades linguísticas independentes que atuam na articulação e no gerenciamento dos processos de construção textual, no contexto de uso da língua. Para a análise, realizamos uma pesquisa sincrônica, prioritariamente qualitativa, tomando como base o *Corpus Discurso & Gramática (D&G)*. Coletamos nos cinco tipos de textos orais e seus correspondentes escritos produzidos por estudantes das cidades de Niterói, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Rio Grande e Natal, 46 *tokens* distribuídos em seis contextos de uso: advérbio de lugar, anafórico finalizador de tópico, indicador de quantidade aproximada, projetor de futuro, causal e preenchedor de pausa; sendo os cinco últimos usos como marcador discursivo. Mesmo sendo tão recrutados pelos falantes cotidianamente, os marcadores discursivos são rotulados como “vícios da linguagem” não previstos nas gramáticas normativas (Freitag, 2007). Logo, esperamos não só contribuir para os estudos linguísticos sobre os marcadores como também aproximar o ensino de língua portuguesa da realidade linguística dos alunos.

PADRÕES DE USO DE *ASSIM* EM PERSPECTIVA FUNCIONAL

Kamilla Andressa da Paz Gouvêa Nascimento
nascimento.kamilla15@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

O presente trabalho tem como objetivo investigar os usos da microconstrução [*assim*], na modalidade escrita do português contemporâneo, pois verifica-se que esse termo tem demonstrado ser multifuncional e polissêmico. Além da polissemia, há usos gradientes, em sua função conectora, verificando-se em *assim* aquilo que Sweetser (1990) denomina *ambiguidade pragmática*. Embora se trate de um elemento que possui múltiplos valores e funções, a maioria dos gramáticos e linguistas ainda tem classificado *assim* apenas como advérbio de modo. Sabendo-se que as pressões de uso motivam mudanças na língua, consideramos pertinente nos debruçarmos sobre os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, segundo Traugott e Trousdale (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013 apud ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), com a finalidade de compreender as motivações que ocasionaram novos empregos de *assim*, como de advérbio atuando em funções textuais e de conector de resultado. Além disso, tomamos como base o pareamento forma-sentido, proposto por Croft (CROFT, 2001 apud ROSÁRIO, 2022), considerando as propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivas de *assim*. A pesquisa também se apoia na Linguística Textual, no que diz respeito aos gêneros e tipologias textuais (MARCUSCHI, 2005; 2012; SANTOS, 2012), considerados contextos de uso real para a LFCU, e aos mecanismos de coesão textual (KOCH, 2005). Como universo de coleta de dados, utilizou-se o banco de dados do Corpus do Português, tanto o Histórico quanto o Now, com o intuito de analisar os empregos de *assim* na sincronia contemporânea, em textos da modalidade escrita, tendo sido coletados 100 dados. Dessa forma, trata-se de um estudo de ordem qualitativa, contando, também, com o levantamento quantitativo, uma vez há interesse em observar a frequência de ocorrência de *assim* em seus contextos de uso, a fim de reconhecer padrões de uso mais recorrentes. Esperamos, com a pesquisa, contribuir com os estudos linguísticos no que diz respeito ao reconhecimento de *assim* como elemento multifuncional e polissêmico, visto que a microconstrução não só apresenta um comportamento sintático-semântico de advérbio de modo, seu uso canônico, como também de conector de resultado, seu uso mais gramatical. Consideramos também que suas funções textuais de retomada e projeção auxiliam na organização e orientação do texto, aproximando-se de um operador argumentativo.

TECENDO CONEXÕES DISCURSIVAS: O PAPEL DO OPERADOR ARGUMENTATIVO “NOTE QUE” NA CONSTRUÇÃO DE TEXTOS FORMAIS

Larissa Nacif Barbosa
larissanacif@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense - UFF

A pesquisa funcionalista tem como objetivo estudar a língua em uso, a fim de detectar o desenvolvimento de elementos procedurais em seus contextos específicos, bem como analisar o comportamento desses elementos na situação comunicativa. É importante destacar o uso, pois há uma relação estreita entre a expressão linguística e sua aplicação contingencial, bem como entre as diversas motivações intralinguísticas e extralinguísticas que condicionam uma determinada configuração formal e moldam modos específicos de expressão. Nesse contexto, elementos procedurais de conexão textual-discursiva são identificados como pistas ou indicadores de crenças e opiniões do falante, que medeiam a intersubjetividade estabelecida na díade comunicativa e são analisados por meio de propriedades pragmáticas. Esses elementos também atuam em prol da argumentação presente no projeto de texto do autor, analisada por meio das propriedades discursivas. O objetivo geral é descrever o operador argumentativo "note que" como um elemento procedural de conexão textual-discursiva cuja estratégia evidencia a instância pragmática e a discursivo-funcional. Além disso, o estudo busca mapear os contextos de uso em que esse elemento se fixa para definir sua atuação como operador argumentativo em gêneros discursivos em que o estilo é mais formal. A pesquisa baseia-se na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que pressupõe que a língua é uma rede de construções organizadas hierarquicamente (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) cuja unidade básica é a construção, identificada pelo pareamento forma-função (CROFT, 2001). As análises são realizadas com metodologia qualitativa e quantitativa dos dados, usando um corpus sincrônico composto pela modalidade escrita do Português Brasileiro (PB), extraído do Corpus do Português, disponível em <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Os resultados parciais mostram que "note que" é um operador argumentativo altamente produtivo em textos opinativos, cuja estratégia de coesão sequencial é introduzir uma nova ideia que sustente ou justifique algo anteriormente expresso. A presença desse operador também pode indicar a intenção do autor de chamar a atenção do leitor para um ponto de vista específico sobre determinado termo ou palavra no texto, reforçando a importância da ideia apresentada. Desse modo, o uso de "note que" promove o engajamento do leitor e contribui para a progressão textual por meio de elos coesivos.

A MICROCONSTRUÇÃO [SENDO ASSIM] COMO ESTRATÉGIA COESIVA NA EXPRESSÃO DE RESULTADO: UM ESTUDO À LUZ DA LFCU E DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Rachel Guarany dos Santos Fernandes
kelguarany@gmail.com

Faculdade de Formação de Professores da UERJ – FFP/UERJ

Esta pesquisa desenvolve-se em contexto de IC e tem como objeto de estudo a microconstrução [sendo assim] em função conectora. Embora não seja amplamente reconhecida como uma “conjunção” pela tradição gramatical, temos encontrado ocorrências de sendo assim em redações escolares, textos acadêmicos e jornalísticos. Além disso, páginas online que se propõem a ensinar língua portuguesa arrolam a microconstrução como “conectivo de relação conclusiva”. Tendo em vista esse quadro preliminar, a hipótese principal é que os diferentes padrões de uso da microconstrução [sendo assim] decorram de motivações de ordem extra e intralinguísticas, capturadas em gêneros textuais diversos, mas em tipologias mais específicas, como as que codificam argumentatividade e subjetividade do enunciador. Logo, na qualidade de elemento de conexão, pressupomos que sendo assim articule porções textuais tanto no âmbito sintático – em nível macro, intermediário ou microtextual (KOCH; ELIAS, 2016) – quanto no âmbito discursivo. Outra hipótese é que o caráter gerundivo do componente sendo possa contribuir para que a microconstrução [sendo assim] ocorra com certa frequência em contextos que veiculem modalizações epistêmicas, evidenciando crenças do enunciador. Nesse sentido, com base na Linguística Funcional Centrada no Uso em diálogo com a Linguística Textual, nosso objetivo central é descrever os padrões funcionais de sendo assim a partir do reconhecimento das suas propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmático-discursivas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; CROFT, 2001), considerando os diferentes contextos linguísticos e pragmático-discursivos em que sendo assim é empregado. Também objetivamos investigar o papel da microconstrução na articulação de diferentes porções do texto, despontando como uma estratégia coesiva argumentativa. O corpus da pesquisa é sincrônico, composto pela modalidade escrita ou pela escrita como reprodução de fala da língua português. Os dados coletados até o presente momento são da base NOW do Corpus do Português, em que predominam gêneros textuais do domínio jornalístico, e a orientação metodológica é a de análise quali-quantitativa dos dados. Os resultados parciais apontam que sendo assim já apresenta função relativamente consolidada como conector de nível mais sintático, que vem se especializando na expressão de resultado, apresentando gradiência entre consequência, e conclusão, decorrente de ambiguidade pragmática (SWEETSER, 1990). Outro achado inicial relaciona consequência à articulação de conteúdos mais factuais e conclusão à articulação de conteúdos mais subjetivos.

MICROCONSTRUÇÃO [ENTÃO] COMO OPERADOR DE SEQUENCIAÇÃO TEMPORAL E TEXTUAL – UMA ANÁLISE SINCRÔNICA À LUZ DA LFCU E DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Sara de Jesus Silva Medeiros Quintanilha
saraj.quintanilha@gmail.com
Faculdade de Formação de Professores/UERJ

Esta pesquisa configura-se como um Trabalho de Conclusão de Curso, sendo desenvolvida na FFP/UERJ. Consiste, em linhas gerais, em analisar padrões de uso da microconstrução [então] como operador de sequenciação, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, vertente que compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas, e da Linguística Textual. A pesquisa, ainda em desenvolvimento, se dá em perspectiva sincrônica, cujo *corpus* é formado a partir de gêneros textuais do domínio jornalístico, retirados do *Corpus Now*, base de dados do *Corpus* do Português. As hipóteses principais da pesquisa são que 1) a microconstrução [então] apresente propriedades da forma (morfofossintáticas) e da função (semânticas e pragmático-discursivas) (CROFT, 2001) que apontem para usos polissêmicos do *então*, como sequenciador temporal e sequenciador textual; 2) *então* como sequenciador temporal, ao descrever ações que se desenvolvem no tempo extralinguístico, ocorra em gêneros textuais com predominância de sequências narrativas; e 3) *então* sequenciador textual ocorra mais frequentemente em gêneros e tipos textuais de teor mais argumentativo, alinhando-se com o que Koch (2004) categoriza como sequenciador frástico. Sendo assim, objetivamos a) elencar as propriedades da forma e da função a fim de identificar se os dois usos como sequenciador da microconstrução [então] configuram-se como dois *types* distintos ou não; b) verificar quais gêneros do domínio jornalístico destacam-se como contextos pragmático-discursivos preferenciais para cada padrão de uso do *então* sequenciador; c) reconhecer, no *então* operador de sequenciação textual, usos gradientes, num *continuum* do mais concreto (consequência) ao mais abstrato (conclusão), decorrentes de ambiguidade pragmática (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; SWEETSER, 1990); d) por fim, investigar se o *então* assume uma função retro-propulsora, contribuindo para a continuidade e progressão textual. Os resultados parciais indicam que a microconstrução [então], na rede construcional de operadores de sequenciação, apresenta dois *types* distintos, um mais composicional e outro mais procedural, considerando-se os gêneros e tipologias textuais do domínio jornalístico que compõem o corpus desta pesquisa.

ANÁLISE PANCRÔNICA DOS CONECTORES “COM ISSO” E “COM ISTO”

Simone Josefa da Silva

simonejs@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense - UFF/CAPES

Investigamos neste trabalho os conectores “com isso” e “com isto” fundamentando-se no aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, nos termos de GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2021 [2013]; ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016; LOPES, 2022 entre outros. A presente pesquisa tem como objetivos: descrever os usos de “com isso” e “com isto” sob perspectiva pancrônica e traçar a rota de mudança entre o uso menos procedural em que atuam como termo da oração (adjunto adverbial) até o uso mais procedural, em que exercem a função de conector supra(oracional). Para a proposição da rota de mudança, o estudo apoia-se no postulado de Diewald (2006) no que diz respeito aos contextos de mudança atípico, crítico e isolado. Aventamos a hipótese de que os objetos em foco passaram por mudanças construcionais ao longo do tempo que possibilitaram a contruacionalização de ambos, permitindo seus usos no âmbito da conexão de orações, períodos ou parágrafos. Para a realização da pesquisa utiliza-se metodologia qualitativa e quantitativa (LACERDA, 2016; LOPES, 2022). A abordagem é feita a partir de uma perspectiva pancrônica (sincronia e diacronia) centrada no português, a base de dados compõe-se de ocorrências dos séculos XV a XXI, coletadas dos seguintes *corpora*: *Tycho Brahe*, *Vercial* (ambos acessados pelo site Linguateca.pt) e *Now*, do site *Corpus* do Português. Análises preliminares apontam que “com isso” e “com isto” partem de um uso em que os objetos se encontram mais integrados sintática e semanticamente ao termo regente, posicionando-se pospostos ao verbo, na margem direita, para posições em que se verifica maior frouxidão, menor integração com o termo a que se refere. Primeiramente “com isso” e “com isto” deslocam-se para a margem esquerda, antepondo-se ao termo subordinador; depois, além da anteposição, adjungem-se a elemento conector e por pressões contextuais, via processos metonímicos passam a herdar traços destes; por fim, os objetos investigados assumem a função conectora, posicionando-se à margem esquerda de orações, períodos ou parágrafos sem que seja preciso a justaposição a um conector canônico.

USOS DA MICROCONSTRUÇÃO DE RESULTADO *PORTANTO* NA MODALIDADE ESCRITA DA LÍNGUA, EM PERSPECTIVA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Victória Barreto Ribeiro

barretoribeiro.98@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho tem como objeto de estudo a microconstrução de resultado *portanto* em textos do domínio jornalístico, literário e acadêmico. O seu desenvolvimento se dá a partir de duas abordagens teóricas: o Funcionalismo Linguístico, com foco na perspectiva construcional, conforme principalmente Traugott e Trousdale (2013), e a Linguística Textual, considerando gêneros e tipos textuais (MARCUSCHI, 2005), assim como a tipologia dos articuladores textuais, segundo Koch (2005) e Koch e Elias (2016). Objetivamos identificar padrões de uso do conector em estudo, identificando suas propriedades da forma – sintáticas, morfológicas e fonológicas – e do sentido – semânticas, pragmáticas e discursivas (CROFT, 2001), verificando, ainda, se esses usos estão relacionados com gêneros e tipos textuais específicos. Outro objetivo é reconhecer usos do *portanto* no *continuum* consequência/menor factualidade > conclusão/menor factualidade, avaliando se essa ambiguidade pragmática (SWEETSER, 1990) está relacionada com os contextos de uso. A pesquisa considera a dimensão sincrônica da língua, e o *corpus* formado até então está composto por textos jornalísticos, literários e acadêmicos na modalidade escrita da língua portuguesa, contando com 50 dados coletados do Corpus do Português, 30 do Corpus Literateca e 20 do Corpus Brasileiro, totalizando 100 dados. Uma análise prévia dos dados vem demonstrando que, em textos do domínio jornalístico, o *portanto* apresenta alto teor argumentativo e é empregado majoritariamente como articulador de nível intermediário (KOCH e ELIAS, 2016), isto é, em 62% dos casos, articula porções textuais maiores do que a oração, como períodos e parágrafos. Além disso, por ter um teor mais argumentativo nesses usos, *portanto* estabelece relações menos factuais entre as partes do texto que articula. Em textos do domínio literário, a microconstrução estudada promove articulação igualmente nos níveis intermediário e em porções maiores ainda do texto, no nível macroestrutural, com 90% e 10% das ocorrências respectivamente. Quanto ao grau de factualidade, observamos que, no domínio literário, o *portanto* é mais factual por ser mais recorrente em sequências narrativas. Por fim, no domínio acadêmico, o objeto estudado estabelece articulação de nível intermediário em 65% das ocorrências e microestrutural, conectando orações, em 35%. Nesses casos, apresenta mais frequentemente menor grau de factualidade, correspondendo a 65% das ocorrências. Um outro padrão de uso que vem se destacando nas pré-análises é que a microconstrução em estudo pode introduzir uma nova informação, contribuindo para progressão textual e desempenhando papel primordial na coesão e coerência textual.

CONEXÕES TEXTUAIS-DISCURSIVAS: O PAPEL DO OPERADOR ARGUMENTATIVO “VEJA QUE” NA CONSTRUÇÃO DE TEXTOS FORMAIS DE CUNHO OPINATIVO

Vitória Ribeiro Nascimento

vitoriarn@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense – UFF

O foco da pesquisa funcionalista é analisar o desenvolvimento de elementos, menos ou mais procedurais, em seus contextos de produção assim como analisar seu comportamento nas situações comunicativas. Faz-se necessário destacar o uso da língua devido a já existente relação entre a expressão linguística em seu uso contingencial e as diferentes motivações de ordem intra e extralinguísticas que levam a certas configurações formais e a modos específicos do dizer. Nessa conjuntura, enquanto “reguladores” da intersubjetividade presente na interação entre dois ou mais indivíduos, os elementos, sendo menos ou mais procedurais, de conexão textual-discursiva: A) surgem como indícios das convicções do falante, quando analisados de acordo com as propriedades pragmáticas e B) desempenham a função de elemento argumentativo no projeto de texto do autor, analisados segundo as propriedades discursivas. Buscaremos atender a dois objetivos: 1) o primeiro – geral – é descrever o operador argumentativo “veja que” como um elemento procedural de relação textual-discursiva que busca tornar evidente os níveis pragmático e discursivo-funcional da língua em uso; 2) o segundo – específico – é identificar os contextos de uso em que o supracitado elemento é utilizado, ao mesmo tempo, em que exerce a função de operador argumentativo em gêneros discursivos mais formais. Em relação à fundamentação teórica, utilizaremos a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) visto que esta “se diferencia das outras abordagens funcionalistas por conceber a língua como um inventário de construções e por dar a mesma relevância à investigação das propriedades formais e funcionais em suas análises” (ROSÁRIO, 2022, p. 207), além de, segundo Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 21 apud ROSÁRIO, 2022, p. 44), também, descrever e analisar a gramática das línguas naturais a partir do seu uso e não de uma situação hipotética. Tendo como base um *corpus* sincrônico, formado integralmente pela modalidade escrita do Português Brasileiro (PB), as análises são norteadas por uma metodologia quali-quantitativa dos dados retirados do Corpus do Português disponível no endereço eletrônico <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Os resultados parciais apontam que “veja que” é um operador argumentativo altamente produtivo em textos de cunho opinativo cuja estratégia de coesão sequencial é evidenciar uma forma possível do interlocutor compreender o que o autor está apresentando em D1 – porção discursiva pré microconstrução. Isto é, como “ver” tem um sentido imediato, o autor busca fazer o interlocutor

observar a questão de outra perspectiva, ou seja, de maneira mais aprofundada. Nesse sentido, o primeiro – autor – se coloca num papel de ascendência em relação ao segundo – interlocutor –, não atuando como alguém que quer revelar algo que estava subentendido, como se fosse o detentor de um conhecimento, mas, sim, age como alguém que, por saber de forma mais profunda sobre o assunto, quer evidenciar em D2 – discurso que aparece após a microconstrução – as informações e um ponto de vista que o interlocutor talvez não tivesse percebido. Dessa forma, enquanto possibilita maior participação do ouvinte/leitor, permite uma melhor progressão do texto através dos elos de coesão.



Grupo de Pesquisa CCO
Conectivos e Conexão de Orações

Acesse nosso blogue
cco.sites.uff.br

Entre em contato conosco
uff.cco@gmail.com

Agradecemos sua participação